

RelevO

Janeiro de 2025 / n. 5 a. 15
ISSN 2525-2704 / Periódico
literário independente feito em
Curitiba-PR desde set/2010



DOS CUSTOS DA VIDA

⊕ RECEITA BRUTA

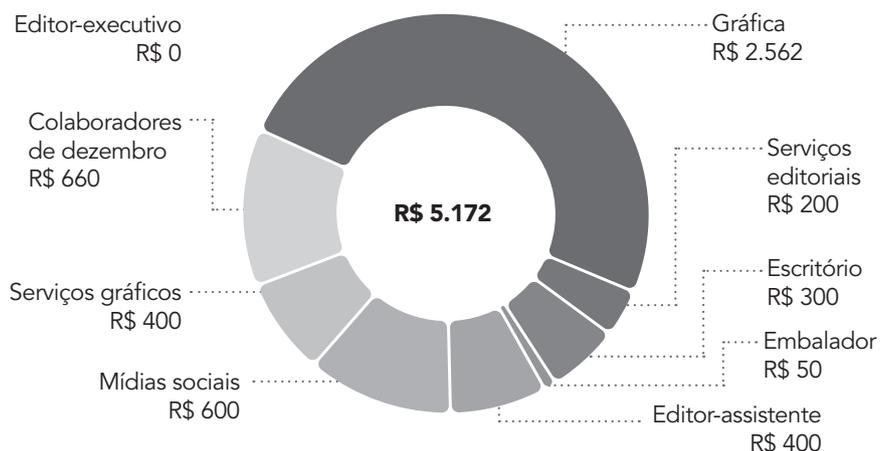
ASSINANTES ▶ R\$ 70 Luciana Lain; Rafael de Souza; Catarina Lara Resende; Whisner Fraga; Telmo Belizário; Josué Vandoski; Jairo Carioca; Afonso do Valle Simões; Milena Benute; Pedro Henrique de Oliveira; Marcos Antônio Teixeira; Luiz Arthur Montes Ribeiro; Eunice Scheer; Leonardo Migdaleski; Raísa Cavalcante; Jane Mari de Souza; Tiago Jonas; Teca Fernandes; Samuel Crissandro Tavares Ferreira; Paulo Berri; Camila Passatuto. Celio Borba; Victor Iannuzzi Corrêa; Ben-Hur Demeneck; Leonardo Alves; Maurício Mendes; Marina Porto Vieira; Henrique Fagundes; Massilon Silva; Getulio Xavier; Adriano Lobão de Aragão; Bolívar Escobar; Fabrício Pinheiro; Wagner Gonzaga Lemos; Tamiris Tinti Volcean; Cesar Felipe Pereira [Nero]; João Paulo Hergesel; Felipe Mont; Sônia Pillon; Leda Lopes; Fernando Gimenez; Leonardo Triandopolis Vieira; Lucas Kotovicz; **R\$ 80** Eduardo Pereira de Souza; Téo Luá Braga Campelo; Daniel Montoya; Severo Brudzinski; **R\$ 100** Mauri Konig; Romy Huber Pradi; Livraria Coruja Buraqueira; Nuno Rau; Antonio Aílton; **R\$ 105** Jaquielto da Silva Jorge; Michel Souza; **R\$ 140** Leonor Sampaio; Alexandre Mussiat; Wesley Ferreira; Amanda Vital; Estevão Dias; Isabela Montello; Daniel Batista de Siqueira; **R\$ 150** Victor Cruzeiro; **R\$ 180** Rômulo Cardoso; **R\$ 200** Paulo Rubens Lacerda; Fernanda Barbeta; **R\$ 210** Rafael Maieiro; **R\$ 300** Juarez Cognato; **R\$ 330** Daniel Martini.

R\$ 6.520
TOTAL ◀

ANUNCIANTES ▶ R\$ 300 Rafael Estorilio; **R\$ 200** Luis Felipe Mayorga; Editora Litteralux; **R\$ 100** Gato Preto Livros; **R\$ 70** Fleisch Notes; Luiz Gustavo Vicente de Sá.

R\$ 940
TOTAL ◀

⊖ CUSTOS FIXOS



⊖ DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 200
Correios: R\$ 3.000

⊖ DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 35

❓ VOCÊS REPRARAM QUE SEMPRE TEM UM TÍTULO DIFERENTE AQUI?

⊕ Entradas totais: **R\$ 7.460**

⊖ Saídas totais: **R\$ 8.407**

⊖ Resultado operacional: **-R\$ 947**



EXPEDIEN

Janeiro 2025



Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Rafael Maieiro
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: Bolívar Escobar
Advogado: Rafael Estorilio
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 4.500

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Rafael Estorilio
Celso Martini
Rômulo Cardoso
Felipe Harmata
Amanda Vital
Whisner Fraga
Fernanda Dante
Nuno Rau



Edição finalizada em 27 de dezembro de 2024.

ASSINE / ANUNCIE

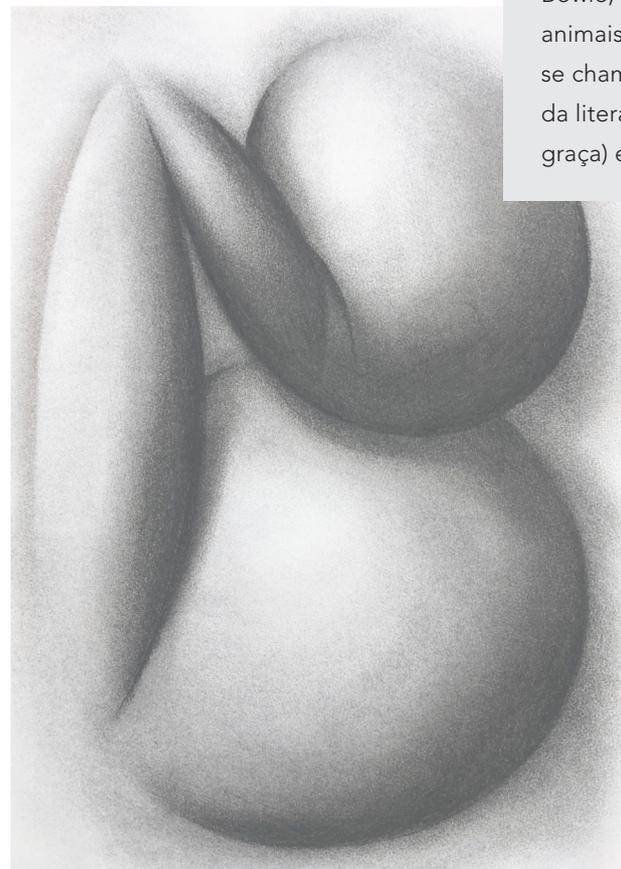
O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

PUBLIQUE

O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

NEWSLETTER

Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.



DAS OBRAS

As ilustrações desta edição são de **Caio Beltrão** e as fotografias são de **Sirineu Bezerra de Oliveira**. Você pode conferir mais do trabalho deles em caiobeltrao.me e sirineu.oliveira23@gmail.com.

📧 CARTAS

PRIMEIRA LEITURA

Pedro Oliveira • Quer dizer que por 70 reais eu posso ter humor duvidoso por UM ANO? A edição de dezembro foi fantástica. Não recomendo a leitura bebendo café, já que engasguei rindo com o conto do Vitor Miranda (uma possível e preocupante identificação). Nunca nem tinha sonhado com um jornal literário, ainda mais um que não fosse só uma porrada de teoria mau-humorada. Faz falta um lugar pra se expor poesia e continhos, e ódio gratuito e humor duvidoso. As ilustrações da Natália são um charme especial. Que saudade do cheiro — desagradável que só — de um jornal de verdade. Parabéns ao pessoal todo! (Menos aos correios. Eles não me enviaram no tempo previsto). SOBRE A PORRA DA EDIÇÃO DE NOVEMBRO Tá, caralho, eu achei que tinham se passado 15 minutos e que duraria o dia inteiro a leitura. Perfeito. Ela acabou sem eu nem ver. Fantástica. Eu ri, eu chorei eu sei lá. Fantástica. Do caralho. Pessoal escreve bem ein? Parabéns mais uma vez. Usar o canal como desabafo é uma má ideia? Ou só pra reclamar... Bom quem sabe.

CORREIO ELEGANTE

Amanda Vital • Prezado Jornal, podemos utilizar o correio dos leitores como correio do amor, à moda das festas juninas, com cesta de vime e tudo? Se sim, venho aqui humildemente pedir um pequeno número de caracteres para mandar um correio do amor para B. Para não tomar muito espaço, mando só um beijinho, mesmo. Beijinho, B.!

Leo Alves • Oi, Jornal, boa tarde. Vi sim o lance da assinatura, só não tive tempo de pensar direito e dar uma resposta. Desculpa. Quero renovar, sim. Nem sempre eu consigo ler as edições inteiras, mas ao menos, quando chega, eu folheio e bato o olho numas páginas boas.

Ricardo Alexandre • Que bom que o Jornal continua remunerando seus escritores. Tem que pagar mesmo. É algo que me anima a continuar assinando, além da ótima sessão de cartas.

JORNAL QUE NÃO CHEGA

William Saab • Oi, pessoal, tudo bem? Pela primeira vez desde que sou assinante, minha assinatura atrasou. Não recebi a edição de novembro. Pode ser que tenha acontecido de terem extraviado ou qualquer outro desses mistérios que abrigam entregas físicas. Seria possível enviar junto da próxima edição? Não tenho problema em receber posteriormente, afinal, de *hard news* já bastam as contas (?). E parabéns pelo jornal. Me sinto mais perto de Curitiba sempre que leio. Cidade que morei por 13 felizes anos. Abraços!

NÃO CAÍMOS

Márcio Berclaz • A dúvida sobre continuar assinando e apoiando o **Relevo** é a mesma

minha em relação ao Grêmio: zero! Claro que sim! Bora! Se o Grêmio cair (toc toc toc), vale a máxima: “Contigo na boa e na ruim muito mais”. Mas assim como o Jornal não vai falir, o Grêmio não vai cair kkk. Obrigado e um abraço!

CATARINA, A GRANDE

Lucas Pagani • Saudações! Adoraria dizer que devorei a última edição de cabo (capa) a rabo (contracapa), mas o sincericídio me obriga a confidenciar que li o que deu tempo de ler antes que a prole cerceasse a atividade. Explico-vos (posso ainda usar essa forma pronominal, por obséquio?): quando tivemos, cômputo e eu, a ideia de batizar de Catarina a primogênita, nem de longe nos ocorreu que o furacão homônimo que vergastou a Unidade da Federação em que habitamos décadas atrás pudesse ter influência sobre a personalidade do serzinho vindouro. De inopino, demo-nos conta de que a lindíssima, preciosa, inteligente e não menos travessa criança guarda traços temperamentais de um pé de vento mesmo. Justificada resta, portanto, a absoluta impossibilidade da conclusão da leitura do jornal impresso a partir do átimo de distração que permitiu a subtração e total picote das páginas pelas mãozinhas ágeis como os galgos de Diana — a professora Telma da sexta série de 2007 ficaria orgulhosa ao ver que o aluninho convertido em jornalista/servidor público/autor publicado de romance policial/dono de gato/marido/bacharel em direito/pai de menina/pai de duas meninas (nessa ordem) nunca esqueceu a metáfora machadiana presente em “Um Apólogo”. Ao fim de tanta digressão, para o último parágrafo deste texto resta apenas a possibilidade de fazer uso de uma gradação para enumerar em ordem crescente o nível das decepções experimentadas por cada participante dessa noveleta bisonha: a menor foi a minha, afinal sempre há a inodora internet para acessar os textos que já não sobrevivem no papel; em seguida, a da Catarina, pois percebeu que rasgar aquelas folhas não era tão divertido quanto parecia, nem perto do ato de surrupiar a escova da privada para varrer o apartamento inteiro; por fim, fico em dúvida se o troféu do desapontamento deve ir para a) a consorte, que já planejara destinar os exemplares do **Relevo** (nos quais não vê a razão do título) à peixaria mantida pela progenitora, ou b) você, leitor, que chegou até aqui e não pôde evitar a impressão de que gastou bons minutos com tão inúteis palavras.

Jussara Lessa • Bom dia! Arrumando meus guardados e com a vida ganha comecei a folhear o Jornal. E achei textos deliciosos, depressivos e debochados. Antes tarde do que nunca, mas o periódico é um mar de letrinhas. Para ler temos que afiar os olhos, aguçar a mente e deliberadamente esquecer o relógio. Obrigada pelo presente, que eu ainda não tinha agradecido. Espero que estejas bem. Um grande abraço!

NO CURAÇÃO DO BRASIL

Alex de Minaur • Olá, eu sou o gerente de vendas da plataforma PG Games. Quero falar contigo sobre uma parceria. Nossa plataforma foi licenciada e licenciada conjuntamente pelo governo federal do Brasil e pelo governo de Curaçao em outubro. Passamos por todas as verificações de conformidade e estamos legalmente autorizados. Você pode juntar-se a nós, nós dar-lhe-emos a comissão alta. Entre em contato comigo pelo WhatsApp.

Da redação: Claro. Por favor, nos adicione no WhatsApp. O número é: 2.

Daniel Montoya • Caraca, só hoje, 27.11, achei a edição de outubro do Jornal perdida no carro. E eu culpando os correios. Tô preocupado se vou ler poemas desatualizados.

Téo Luá Vianna • Opa, tudo bem, Jornal? Queria agradecer pelo carinho e pelo cuidado com o material todo. As edições já chegaram na minha casa e são belíssimas! Muito bom mesmo e tô adorando a leitura que tá me acompanhando aqui. Um abraço!

Lívia Corbellari • Pessoal, parabéns pelo trabalho e pela resistência, sei como é difícil trabalhar com literatura.

Allano Fabricio • Boa tarde, Daniela. Obrigado pelo seu contato. Olhando rapidamente o perfil do Jornal, percebi a seriedade do seu trabalho e, a partir daí, a qualidade de vocês e a importância dele para nós, apreciadores de boa literatura. No entanto, esse não é o melhor momento para eu assinar, independente do valor mensal. Estou me dedicando a um mestrado que venho realizando, muita coisa para ler, e tive até de abandonar, temporariamente, as leituras literárias que eu vinha fazendo. Fora outros contratemplos pessoais que tem reduzido o meu tempo de leitura. Por essas e outras, acho que, no momento, eu não iria conseguir acompanhar as edições. Num futuro breve, quando eu tiver um pouco mais de tempo de qualidade, certamente irei assinar e entrarei em contato com você. Forte abraço! E desejo muito sucesso no empreendimento.

Ana Karina Prado • Olá! Recebi os exemplares do Jornal sim! Demorou um pouquinho, mas chegou! Recebi de dois meses, julho e agosto. 🙄 Não li imediatamente porque cheguei num período em que eu estava com prazo de entrega de TCC e de projeto de mestrado, então estava em outro planeta. Desculpe não ter agradecido antes. Obrigada! Eu gostei muito das publicações, muito gostoso de ler, principalmente os poemas.

Priscila Onório • Tô adorando o Jornal. Quando chega pelo correio, a primeira

coisa que faço é passar um café fresquinho e começar a leitura.

Denise Lipinski • Amo ler o Jornal e é nostálgico, pra mim, receber os exemplares em casa. Louca pra ter um tempo pra comer chocolate e tomar café. Abraço e bom final de ano, pessoal!

Victor Cruzeiro • Jornaleco que me garante bons assuntos com meu velho, inclusive.

Sebo Rocinante • Para ratos de biblioteca, bibliófilos e traças que não abrem mão de papel: todo mês recebemos exemplares do **Relevo**, só passar aqui e solicitar sua cópia.

Café 217 • Todo início de mês, o **Relevo** chega aqui no 217, e você pode garantir o seu exemplar. É só passar no balcão ou perguntar ao barista. Aproveite!

Gilles Diniz • Gosto muito da ideia do Jornal. Irreverente, criativo.

Lara Dias • Fomos publicados na edição de dezembro junto com “discursos de ódio” (mais literários do que literais). São três poesias que, entre sonhos e pesadelos, trazem um pouco da confusão de sentimentos típica desse mês caótico e estranhamente familiar de dezembro. Boas festas! Jornal unindo Curitiba e Santos através da poesia.

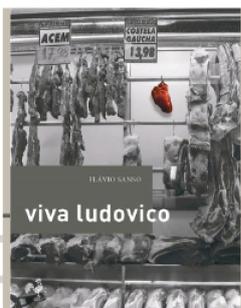
BASTA DE BOSTA!

Raphael Cerqueira • Nada como o texto que fecha a edição de dezembro pra nos descrever num domingo.

Igor Carvalho • Um clássico desse seria cancelado hoje em dia kkk Essa edição do editorial de *Casseta Popular* até que está leve... Me lembra muito a revista *Charlie Hebdo*.

Matheus L. Seefeldt • Foi o maior barato ser publicado no Jornal. A edição de novembro contou também com outros belos textos, desde reflexões sobre possessões demoníacas até a história de uma obscura destilaria de uísque na Escócia, passando por contos de singela prosa, onde as narrativas simples e diretas não se propuseram a mudar o mundo. Em meu “Sobre como as festividades podem chutar alguém no saco”, um leitor matinal com a xícara de café na mão pôde observar as consequências que recaem sobre o homem desastrado que subestima o alinhamento astral de um réveillon em família. Admito que não precisei ser criativo, visto que tudo de fato se sucedeu perante meu olhar de “artista”. Já na edição de dezembro, tenho de ressaltar a decisão do jornal em colocar um editorial de 1986 do *Casseta Popular* na contracapa. A criança que há em mim é fã dos caras do Casseta & Planeta, e tal esquecido relato pré-fama deu um quê de relíquia à derradeira edição do ano.

(Outra) carta aos leitores em (outros) tempos difíceis



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

Chegamos ao início de um novo ano carregando as marcas de 2024, quando conseguimos a façanha de fechar nove meses no vermelho – um recorde não atingido desde 2019. Os últimos meses exigiram de todos nós uma série de novas habilidades para enfrentar percalços que insistem em testar nossa capacidade de seguir adiante, não sem repensar o modelo de negócio e o próprio negócio em si. Será o momento de parar? O nosso corpo de assinantes finalmente... cansou? Em meio às incertezas, é reconfortante observar que, mesmo quando nosso pequeno mundo parece vacilar, o jornal impresso segue como um abrigo seguro, uma alternativa, uma ponte entre o caos e o repouso. Lembremos que 2024 foi repleto de intensos debates sobre os limites e os transtornos provocados pelo excesso de tempo diante das telas. *Brain rot*, de “cérebro apodrecido” ou “atrofia cerebral”, foi eleita a palavra do ano pelo Dicionário Oxford.

Ao virarmos esta etapa do calendário, refletimos sobre os desafios enfrentados e renovamos o desejo por um ano melhor. Todos os janeiros carregam em si essa promessa de recomeço, de página virada – para usarmos uma imagem gasta –, mas também nos lembram de que o ciclo de dificuldades faz parte da própria experiência humana. Talvez, soando um pouco como Osho (pronuncia-se Oxxo), ao reconhecermos a repetição desses padrões, podemos assumir tanto as dores como as possibilidades de transformação que elas trazem.

Para muitos de nós, escrever e ler não são apenas atos culturais, mas também atos de manutenção e de escape. É verdade que as crises têm cobrado seu preço também deste universo. Pequenas editoras lutam para lançar seus livros, livrarias de rua resistem ao fechamento e ao mercado predatório digital, e escritores enfrentam o dilema de criar em meio às pressões cotidianas, como pagar aluguel e tratamentos médicos. A vida custa – inclusive, está bem mais caro o cafezinho que acompanha a leitura habitual de jornal. Ao mesmo tempo, nesses momentos vemos nascer iniciativas coletivas, projetos colaborativos e movimentos que reafirmam a força da literatura como um bem comum. A produção literária se transforma, encontra novos meios, alcança novos leitores. Ou, então, assumimos de vez que a literatura é um privilégio e vamos todos assinar o *streaming* menos invasivo por R\$ 59,90 ao mês.

Aos nossos leitores, queremos dizer: estamos aqui. O **Jornal Relevo** continua como um espaço para acolher vozes diversas, para impulsionar novos autores e praticar algum humor. Seja parte deste exercício de continuidade: leia, escreva, divulgue, compartilhe, assine. Que 2025 seja um ano melhor.

Por uma boa leitura,
Equipe do Jornal Relevo 

 APOIADORES



MARLON REIS
& ESTORILIO
ADVOCACIA



Banca Tatui www.bancatatu.com.br
Desenho por Ângela León

São Paulo / SP

Rafael Maieiro

PALAVRÕES & DEMONSTRATIVOS: sobre outros assuntos e uma ouvidoria que não ouve conselhos

Saúde: Ladeira do João Homem, 65. Ali, nas encruzadas da praça, é só descer a rua por alguns metros e estamos no Bar do Geraldinho. Cadeiras e caixas de cerveja coloridas na calçada (C5 – boom, manuais!). Ali está o Zeh Gustavo, o ex desta coluna, no seu habitat, brincando no copo de cachaça e abrindo um sorriso no rosto. Me aboleto na mesa, o encontro marcado é para falar sobre o RelevO de dezembro.

[Eis o método do mandato desta ouvidoria do Jornal: conversar com leitores de alguns estados deste Brasil – em cafés, bares, livrarias ou, quem sabe, no ponto de ônibus. A ideia-chave do espaço, ora ocupado por mim, é narrar os encontros sem nenhum compromisso com os fatos, contudo assinando um pacto com a particularidade do real na poesia e/ou na ficção. Para abrir o caminho, escolhi o ex, o tal do Zeh, para a estreia].

Zeh vira a Salinas, pede a minha cerveja gelada. Quase gargalha sei lá o porquê. Eu digo:

– Viu as ilustrações da Natalia Azevedo? A publicação é em PB, né? Olhe, são muitos olhos – faço um movimento com os dedos insinuando o trocadilho ridículo –, mas ainda não estou maluco: vi a oitava cor do arco-íris.

Zeh me despreza, o que não é incommum, e já fala que me fudeu na última

coluna dele, justificando-se como ato de amor. E puxa um Aldir Blanc:

– Na Rua da Tijolo, bloco 5, aquela de esquina...

[Zeh, meu camaradinho, além de personagem e ex, você também é o revisor desta coluna. Qualquer erro aqui é culpa sua, por sinal é um ótimo lema do RelevO, porém não vá me encher o texto de referências bibliográficas e seus TOCs ABNT. Como disse Carolina Bataier, “Todo o resto, sim”].

Fiquei ouvindo o ex acabar a cantoria, ainda afinada, um copo afina a voz, meti logo um porra e perguntei o que ele achou sobre a edição de dezembro.

– Os olhos, os barcos são quase uma bandeira. Sim, muita cor. Não somos dodóis da moleira, ainda, meu chapa. Natalia Azevedo...

Enquanto Zeh fazia seu solilóquio, ele ainda não estava bêbado, mas estava no modo falastrão, um gatinho fazia número pela rua, uma rua de pedras, uma rua de pedestre, no alto do Morro da Conceição. O gato me olhou – será que usar gatos em textos num impresso também chama atenção? –, fez um movimento que, à primeira vista, tomei por uma saudação carinhosa. Mas, quando o bicho repetiu a ação, percebi: ele estava me mandando à merda, me mostrando o famoso dedo. Olho para o ex, ele abre o jornal e me aponta uns versos de Bolívar Escobar.

Leio. Faço um sinal de concordância misturando movimentos com os lábios e com a cabeça.

– Bom, né? Também gostei da nova seção, *Discursos de ódio*. Ali tem caldo, hein, o Antonio Paradisi deu uma boa de uma tapa. Finn plantou a semente do ódio de classe...

Bato palmas. Zeh volta a me ignorar, ele tá meio estranho hoje. Ergo o jornal tapando o meu campo de visão para além do jornal. O ex faz o mesmo. A cena tem algo de Magritte, ou, mais precisamente, uma versão impressa do ensimesmamento virtual. Janelas de papel e tinta; janelas de silício e petróleo. Quando partimos a fatia do tempo e baixamos as nossas armas, não estamos transtornados:

– Porra, Zeh, tô vendo aqui no Editorial. Eles estão saindo do preju. Acho que contrataram o ombudsman errado. Agora eles vão pro buraco! Literariamente falando, posso dizer, sou pior que uma pandemia.

Gargalhamos.

Aliás, leitores, ombudsman, em sueco, é ouvidor. Já que se trata de um impresso, tecnologia superada até para embrulhar peixes, a minha ouvidoria vai oferecer o número de um orelhão (telefone público, jovens, depois eu explico) para contato a partir do mês de fevereiro.

Aí, palavreiros rústicos ou eruditos, vocês poderão me xingar à vontade: isto, isso, aquilo.



Na dúvida, é melhor não mentir

Em seu romance de estreia, escritor aborda questões contundentes como prostituição infantil e *fake news*.

“A mentira é o único privilégio do homem sobre todos os outros animais”, sentencia Dostoiévski em sua obra-prima *Crime e Castigo*.

Partindo dessa premissa, o escritor Luiz Gustavo de Sá apresenta seu novo livro, o romance **Na dúvida, é melhor não mentir**, que está saindo pela editora **Penalux**.

O livro é protagonizado por Ricardo Galego, um jornalista desempregado que vem levando uma vida niilista e sem maiores pretensões, até que a inesperada gravidez de sua namorada surge para sacudi-lo do seu torpor. A exemplo de Bentinho, personagem machadiano do romance *Dom Casimiro*, Ricardo também tem dúvidas sobre a paternidade do filho que sua companheira espera.

Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de “verdade” e “mentira”. “Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático”, diz Gustavo. Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de “verdade” e “mentira”. “Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático”, diz Gustavo.

Na dúvida, é melhor não mentir

Luiz Gustavo de Sá
R\$ 45 (174 p., Penalux, 2023).
editorapenalux.com.br/loja/na-duvida-e-melhor-nao-mentir

you have
um livro de poesia?

we have
seus leitores

send an email to
contato@faziapoesia.com.br
and include your work in the channels of the portal *Fazia Poesia*


+ de **1.500** títulos
publicados desde 2012
www.editoralitteralux.com.br

Editora
Litteralux
Porque livros iluminam

Estamos recebendo originais:
originais@editoralitteralux.com.br


12 anos


Marcos Bonifácio dos Santos

O PAI DE NENÊ

O pai de Nenê, que lástima, um bêbado inveterado. Ao menos não era de briga. Bêbado manso. Bebia todos os dias. Não exagerava, mas era como se o álcool nunca abandonasse seu corpo. Um trago não bastava. Tomava quatro ou cinco. Pura. Translúcida como água. Tinha conta aberta no Bar do Baixinho. Acertava sempre no pagamento. Nunca deixou passar mais de um mês. Bom pagador. Diferente da maioria dos fregueses. Largava do batente às cinco da tarde. Montava na bicicleta e em dez minutos chegava pedalando ao bar. O lugar de sempre reservado para a bicicleta. A parede conservava as marcas. Banco reservado também no balcão. Último, quase encostado na parede, de onde podia opinar sobre a melhor tacada na mesa de sinuca. Sentava e não pedia nada. O Baixinho trazia o copo cheio. Sabia que deveria reabastecê-lo em quinze minutos e assim sucessivamente até que o freguês se levantasse em sinal de que bastava. Permanecia sem beber no bar por mais meia hora. Não incomodava. Dizia que era para recobrar o tino antes de entrar em casa. Não mais do que meia hora para não chegar muito tarde. A mulher reclamava. Necessário dormir pra pegar no batente no dia seguinte. Responsável, nunca atrasava. Nem quando o dia seguinte era de folga se alongava mais do que o habitual no Bar do Baixinho. Necessário acordar cedo pra aproveitar o feriado ou fim de semana.

Antes de ir embora, ele confere a anotação de quantas tomou no caderninho. São uns risquinhos formando um quadrado com um traço na diagonal. Cada quadrado equivale a cinco doses. Despede-se solenemente de todos no bar, pega a bicicleta e retoma o caminho de volta, rumo ao conforto do lar. Não pedala. Leva a bicicleta ao seu lado, em suave ziguezague. Pedalando, seriam

mais cinco minutos até sua casa. A pé, carregando a bicicleta, são vinte. Por volta das sete da noite estará em casa. Vem cumprimentando a todos como se num desfile estivesse. Às vezes para uns minutinhos para conversar com alguém. Papo rápido. Conserva boa educação e respeito pelos vizinhos. Atenção redobrada com o trânsito também. Certa vez atropelaram a bicicleta. O motorista da Belina não parou. Talvez nem tenha notado a bicicleta se espatifando no chão. Bateu no pneu da frente. A roda entortou. Único dano. O pai de Nenê aprendeu a lição. Não deixa mais a bicicleta se desgarrar uns centímetros à frente. Presta atenção no trânsito e segura a bicicleta bem junto de si. Aumenta a estabilidade assim. Ziguezagues mais suaves. Menos chances de tropeçar no pedal. Quando dobra na rua de casa, os risos disparam na esquina de cima.

A arquibancada, um pedaço de uma viga de concreto, sobra de uma demolição que ficou esquecida junto ao muro, o ponto elevado com visão privilegiada. De lá apontavam o pai de Nenê quando despontava na rua. Sinuosidade mais ou menos acentuada pelo estado etílico. Alguns dias quase consegue uma trajetória regular. Na maioria vem cobreado. Às vezes para no meio do caminho e recupera o fôlego. Público cativo. Podiam encontrar entretenimento melhor em outro lugar. Enredo menos monótono. Um protagonista menos coitado. Na arquibancada cabem três pessoas. Os outros observam em pé. Ao menos cinco espectadores todos os dias. O recorde de público foi vinte e um, quando a turma que voltava de uma pelada se deixou ficar pela esquina. Falta pipoca. Compartilham vinho ou cerveja. O fim melancólico. A casa fica nos fundos. O acesso é por uma rampa, que ele desce com dificuldade e desaparece aos poucos como se afundasse na terra.

Ponto de encontro. Desocupados. Estudantes que ainda não aportaram em casa depois das aulas diurnas e outros que deixaram de ir à escola no período noturno. Gente voltando do trabalho que se deixou ficar por ali. Desempregados tentando angariar algum bico. Uma gama variada de homens e adolescentes se revezando todos os dias na esquina. E riem da cena. Quem sabe o caminho de volta para casa é a bicicleta. Não é ele que leva a bicicleta, ela é que traz ele dar um passeio. Ele só dá o impulso inicial, depois se agarra na bicicleta e vem. A primeira bicicleta movida a álcool do mundo. Ele comprou a magrela e depois mandou adestrar. Bicicleta-guia. Bicicleta movida a um burro. O problema é que a roda de trás quer podar a roda da frente. Quando Nenê está na esquina, aliviam as piadas. Comoviam-se com Nenê e sua família. Ninguém tocava no assunto da irmã que virou puta. A bicicleta se aproximava e todos calavam. O pai dele cumprimentava todos na passagem. Acenava com a cabeça. Olhos bobos. Depois todos riam até quase os risos se converterem em compaixão pela família do Nenê. Tão gente fina o pai e, infelizmente, um bêbado. Nunca vimos teu pai sóbrio ou montado na bicicleta. Nenê ria também, desconcertado. Manso. Puxou o pai. Não era de briga. Magrelo. Canelas finas. Até quem tinha menos idade parecia maior. A versão sóbria do pai. Uma lástima como ele.

Alguém aponta. Vai começar. A bicicleta balança mais que o normal. O espetáculo vai ser único. Nunca viram o pai de Nenê naquele estado. Apostam que ele vai cair. Torcem para que caia. Gargalham como nunca. Vem trotando ao lado da bicicleta. Não levanta a cabeça. Parece fazer um esforço sobre-humano. Ninguém percebe a magreza. Estão eufóricos. Não se preocupam por ele invadir a

rua mais do que o normal. Nenhum carro à vista. Acenam para outros virem assistir. Mais quatro chegam. Curiosos. Riem alto. Perderam a compostura. Até o pai de Nenê pode escutá-los. Um desavisado pergunta quem é. Respondem que é o pai do Nenê, que todos conhecem. E alguém diz que não, que aquele é o próprio Nenê. Nem todos escutam, mas quem escuta silencia. Outro repete, incrédulo. Ainda riem, mas baixo. Cochicham. Uma ideia percorre todos em silêncio. Tal pai, tal filho. A sina da família de Nenê. Os filhos repetindo os pais. A mãe também foi puta, dizem. A irmã que escapou da sina morreu afogada, uma tragédia. Um fio escuro invisível ata o coração de todos no mesmo liame. Alguém faz menção de ir até lá ajudá-lo com a bicicleta porque ele parece incapaz de completar o percurso. Desiste antes do segundo passo. Há pouco acenava e urrava para chamar mais espectadores. Sente-se culpado. Como poderia adivinhar? Não poderia. Ninguém poderia. Todos engolem seco. Observam em silêncio, hipnotizados. Nenê está próximo. Levanta a cabeça e a deixa cair. Esforça-se mais uma vez e não suporta o peso do crânio. Cena tétrica. Está a passos do grupo, que silencia em lástima profunda. Olha de soslaio para os dois lados para se certificar da ausência de carros. Levanta o corpo de um golpe só. Arruma-se e dispara:

— Dia de folga do meu pai. Tive que trazer a magrela pra passear. O problema é que ela não anda mais em linha reta.

O fio se rompeu. Sorriem timidamente. Nenê, exitoso, permanece alguns minutos colhendo a glória do momento nos risos dos amigos. Depois monta na bicicleta e pedala os últimos metros até desaparecer no quintal de casa. O grupo se dispersa em minutos e a esquina sobra abandonada. No dia seguinte ninguém ri do pai de Nenê.



Catarina Lara

Bichos e bichas, engulam-se!



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com

_____—Você sempre com esse (remexe o corpo tensionado e inclina o peito para trás imitando, sarcástica sobre sarcasmo, o que o outro chama de Comunicação Rebuçada das Raparigas, CRR. A onomatopeia é a original)... como se as fêmeas vivessem numa conversa ininterrupta... harmonia delirante... entrelínguas... hmm...

_____— (interrompe a lambança) E não vivem? Se não vivem, morrem, padecem desse ruído constante! Dizem tudo sem uma palavra e nada dizem sem parar! Se não dizem é parada... cardíaca, sei lá.

_____— (faz CRR aos risinhos) Minha parada cardíaca, hoje você está engraçadinha, mas pouco selvagem...

_____— Tá vendo? Táí, não dá pra mim assim, para de graça! Você acha que me provoca desse jeito? Se toca, e não tô falando de punheta não, ô abertona. Essa tua safadeza grã-fina já ficou... Como diz a tua tia, dizia como?

_____— (sílaba a sílaba) De-mo-dê.

_____— (bufa e ri, endurece) Demodê! Eu não dou pra isso não, sinceramente. E dou pra tanto, pra tantos! Ultrapassado, superado, tosco! Tá sabendo? Vagabundo nenhum cai nessa, é fim de linha e dessa vez você tá no trem. Chega a ser filha-da puta, sabe.

_____— Quer dizer que urge ser puta? (ri, putinha)

_____— Vê se puta urge! Não tem nada pior que perua tentando ser puta (solta uma gargalhada afetada, enrijece). E agora todas querem, realmente... a puta cotada, imagine, só no Brasil... A puta, cotada feito dólar! Deixem puta pras putas, seus sanguessugas.

_____— A puta sempre foi nosso mais autêntico *commodity* (ergue as sobrancelhas, repuxa o queixo pra baixo, nariz em pé imitando a Escola Superior de Superioridades, ESS, como chamava suas tiradas mais espirituosas que fundamentadas. Gostava de caracteres gerais e resignados. Não sabia o que eram commodities, mas estava cômoda em debochar).

_____— Que mané commodity, puta que me pariu! Ai, mãezinha! Não vim de chocadeira e a puta era coisa nossa. Coisa de quem é fudido pela vida e aprende a fuder. Com vocês toda transa é transe, que saco e pouco pau...

_____— Pára com esse plural. Me irrita. Me come. Raw. Perua pode não saber dar, mas sabe receber.

_____— (indignado, ofendido, nervoso, duro) Puta, peru, assim não dá, assim não dá...

_____— Dou, larga de ser bicha.

_____— Não largo nem como.

_____— Sabe me xingar?

_____— Bicho.

_____— (grita, desvairada) A mulher de família é bicho!

_____— O homem de família é bicha! (Graças a deus!, em coro)

_____— A mulher digna é uma desesperada!

_____— A bicha desesperada é uma puta mulher!

_____— A mulher bicho quer ser uma puta bicha!

_____— Os bichos dignos querem ser mulheres! (Que lambem mulheres!, que lambem mulheres, que lambem mulheres!, em coro)

_____— (agarra os cabelos, grosso) Meu mocinho...

_____— (derrete, morta) Com a graça da virgem...

Maria Meneses

A Z U L

Os dois foram à casa num dia chuvoso. Entraram e sentiram cheiro de abandono. Por aquela noite servira a casa de abrigo. Já na manhã seguinte, frescos, fizeram meio caminho e trouxeram o pouco de que precisaram na casa anterior para esta. Agora vivem aqui, há duas semanas.

Ele olha para ela de canto de olho sempre que pode. Ela finge não perceber, afetando absorção no mato do quintal. Os dois à janela, cada um pensando no que se passa na cabeça do outro.

Conhecera-o em situação semelhante a de duas semanas atrás: chovia e procurava abrigo. Ele, encostado ao beiral, puxou-a pelo braço e trouxe-a para dentro.

Aqueles olhos lhe varando a nuca, custava a entender o porquê da sua insistência. Segurava o retrato de uma mulher. Ao lado deste, havia outro, de homem. Os dois rostos antigos, lado a lado na mesma tela, estavam pendurados na parede da sala: ela vestida de azul, ele engratado. Algo a tornava fascinante naquele azul. Agora, olhando o retrato, sente atrás de si olhos insistentes lhe varando a nuca.

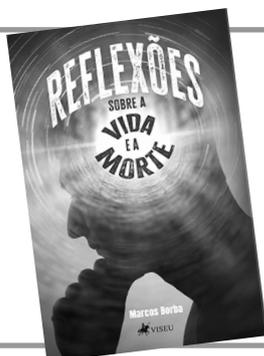
Discutem frequentemente, como nunca antes. O cuidado com uma roupa o deixa fora de si, um copo desaparecido a faz gritar coisas terríveis. No entanto, nada do que os exalta é seu. O vestido azul que ele a vê usar quase todos os dias não é dela, assim como também não o é o copo marcado de batom. Você deu um fim nele!, ela gritou. Ele primeiro abriu bem a boca, como quem fosse pagar rudigo com rugido. Mas em seguida apenas suspirou e bateu a porta da frente.

Hoje estão em paz. Ela está com a calça xadrez com que ele a vira debaixo do beiral. Está gasta, enquanto ela que a veste não. Parece rejuvenescer, você está mais nova, sabia? Ela sorri, já você... Quantos anos você acha que ela tem? Estica o pé e aponta com o dedão o retrato sempre perto. Sombrio, responde que não sabe. Chuta qualquer idade... Ela é casada, deve ter uns trinta. O muxoxo dela é de insatisfação. E ele, que idade você dá?, devolve a pergunta sem tirar os olhos dela, que estica ainda mais o pé e derruba o outro retrato.

Uma tarde encontra pendurada no cabide a gravata do homem no quadro. Experimenta ao espelho como fica em seu pescoço. Assustado com a imagem, atira o laço longe.

Estica o braço e sente a depressão no colchão, ainda quente do corpo dela. A noite clara entra pela janela e distingue leves contornos. Ao pé da cama reconhece a silhueta azulada pelo vestido. A luz ilumina meio rosto e brilha a cor vermelha do batom. O braço

da mulher se ergue lentamente, de baixo para cima, puxando por um laço outra figura presa pelo pescoço. Um feixe de lua descobre aquele rosto de enforcado, que ele não reconhece seu ou do outro. Quando por trás dessa silhueta ele percebe outra, seu pavor cresce. A terceira figura envolve os ombros da mulher com seu braço e sussurra algo no ouvido da outra. Ele salta da cama e corre para fora sem ouvir nada: não suportou o brilho daqueles olhares.



Até onde a dor nos leva?

A experiência de vida e morte é imanente a qualquer ser humano e ao longo da nossa existência vamos aprendendo a sorrir e a chorar por meio das alegrias e dos sofrimentos que passamos. A presente obra é um mergulho empírico e profundo na dor humana diante do sofrimento e como transcendeu-se pela escrita, pela fé e pela reflexão filosófica o turbilhão de emoções e sentimentos vividos, transformando a angústia e o medo em um momento precioso de superação e de amadurecimento. Com uma atmosfera poética e reflexiva, sem medo de desnudar-se aos sentimentos mais frágeis, o autor apresenta reflexões advindas do período de tratamento do câncer de sua mãe, oferecendo ao leitor a possibilidade de identificar-se com os temas abordados de maneira direta e profunda.

Adquira pela Amazon ou via site do autor: marcosborba.com.br

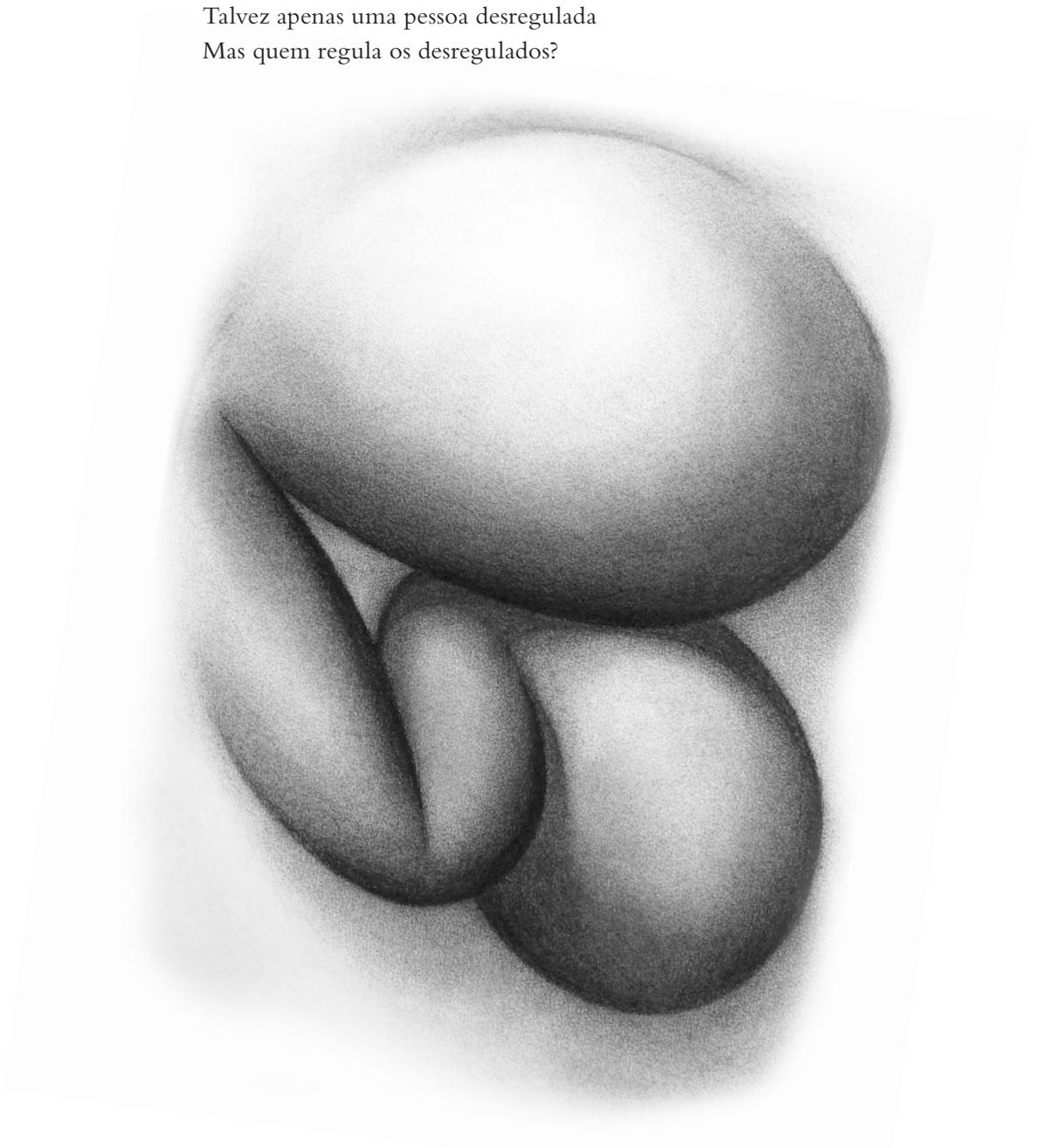
Carina Carlan

O corpo supranumerário

e as métricas de desempenho

Hoje eu saí para correr
 corri quarenta minutos
 o tempo suficiente para me cansar
 propositalmente
 poderia ter sido dez ou sessenta ou
 cento e vinte
 mas o tempo transcorreu livremente
 sem relógio sem tarecos
 apenas fui num momento e cheguei em outro
 um dia subi numa esteira
 cheia de números que piscavam
 e diziam que estava correndo tanto
 tanto por tanto tempo
 e eu corri e soube o quanto corri
 e eu pela primeira tinha números
 vindos do meu corpo
 e nunca mais ele seria livre
 agora que eu sabia eu sempre tinha
 um número pra bater
 um número pra retroceder
 um número para me certificar
 que meu corpo tinha feito algo
 que ele já fazia
 e quiçá, talvez melhor fazia
 meu corpo capturado pela estatista
 agora um corpo calculado
 não mais medido pela vontade
 mas pela capacidade de contar
 porque
 somos apresentados por números
 de registro de identidade
 de código de pessoa física e jurídica
 endereço de moradia
 peso, altura, índice de gordura corporal
 tamanho do pé, do manequim, do colarinho
 códigos e senhas
 números de cartões de crédito
 número de telefone
 números de parcelas
 as calorias ingeridas
 verificamos o índice glicêmico dos alimentos
 a quantidade de sódio
 a porcentagem de aminoácidos e proteínas

todos números de normalidades
 de referências
 de fracasso ou de destaque
 queremos ser calculados
 quantificados
 rastreados e compartilhados
 elaboramos parâmetros
 traçamos metas
 há cem dias não ingiro açúcar
 há dois anos não como animais
 veja só como controlo meu eu
 que é controlado pelas medidas dos outros
 será que sou normal
 acima ou abaixo da média
 qual a média e quem mediu a média?
 Talvez apenas uma pessoa desregulada
 Mas quem regula os desregulados?



O corpo axiomático

e a descência dos desejos

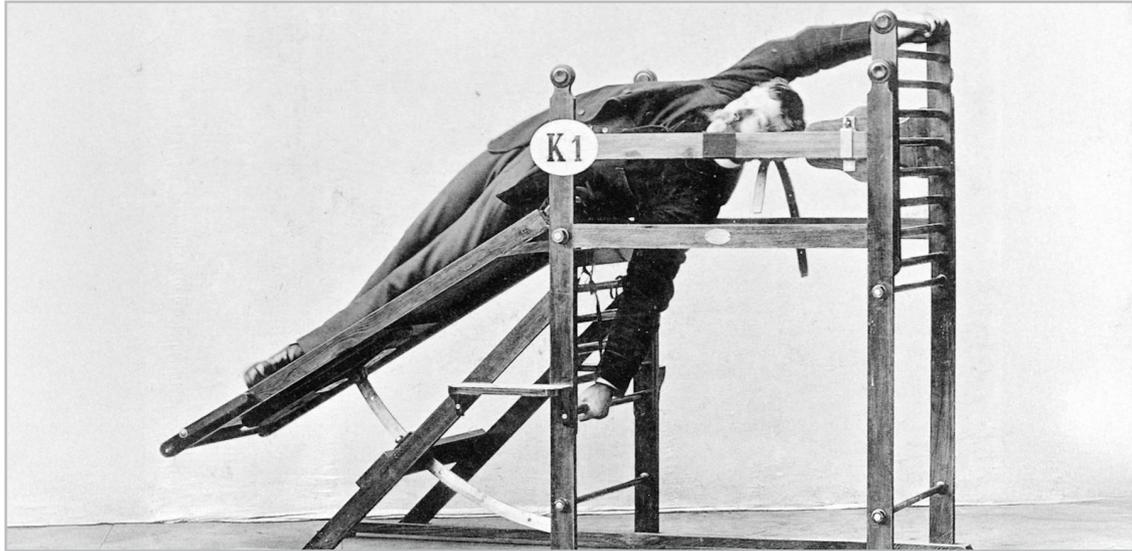
Disse o poeta das coisas desimportantes
 mais importantes do mundo,
 Manoel de Barros
 que a ciência pode classificar e nomear
 todos os órgãos de um sabiá
 mas não pode medir seus encantos.
 Pois a ciência também pode contar
 as milhares de todas as células,
 nomear todas as partículas
 que vivem e morrem num corpo.
 A ciência pode medir todas as distâncias
 entre os pés e a cabeça,
 pode até fazer previsões
 quanto à durabilidade da vida
 mas é infinitamente incapaz
 de identificar os axiomas que dão origem
 ao que se pode calcular, transcrever, classificar.
 O que seria autêntico num corpo
 se não aquilo que ele sente
 antes mesmo de saber do que chamar
 antes mesmo de nomear, de detectar?
 O que é inquestionável num corpo
 já que para cada corpo há uma sentença
 mesmo quando todas as partes ocupam
 os mesmos tipos de espaços
 o mesmo modelo de máquina?
 O que seria indiscutível, óbvio e inegável no corpo
 se tudo aquilo que aparece sem nome
 se coloca nas prateleiras dos milagres,
 do divino, dos astros?
 O que seria incontestável no corpo
 que antes mesmo de se pronunciar verbalmente,
 dolorosamente, prazerosamente ou esteticamente
 já sabe ele do que se trata?
 Qual seria a proposição do corpo
 que pode ser aceita sem exames clínicos,
 laboratoriais ou acadêmicos?
 Qual é o axioma do corpo além das vontades
 que nele dá?

O corpo comum

e o meio-dia da existência

O corpo comum
 desperta em manhãs comuns,
 em horários comuns
 em uma cama comum.
 Uma manhã comum é constituída
 de barulhos urbanos confusos
 em meio ao cheiro do dia que se posta lá fora.
 Um horário comum é quando já é dia
 o suficiente para o desjejum,
 mas não tarde o bastante para o almoço.
 Uma cama comum tem lençóis
 que se descombinam em perfeição.
 O corpo comum se alimenta de coisas comuns,
 trabalha com labor comum
 e vive em uma casa comum.
 Comida comum são aquelas
 que são vendidas no supermercado do bairro
 e que podem ser preparadas
 e digeridas mesmo de má vontade.
 Trabalho comum é aquele que não precisa-se explicar
 o que se faz pois o nome diz a função.
 Uma casa comum tem um fogão
 que poderia sempre estar mais limpo.
 O corpo comum passa seu tempo
 com lazeres comuns,
 se veste de maneira comum
 e dorme em um horário comum.
 Os lazeres comuns são aqueles
 que devem ser feitos mesmo
 que não se tenha disposição,
 mas que fazem, por instantes,
 esquecer da vida comum.
 A roupa comum é aquela que refresca ou esquenta
 enquanto faz o corpo parecer mais um
 que cruza as esquinas nos dias comuns.
 Dormir no horário comum
 é quando já anoiteceu,
 mas o relógio ainda não virou as horas
 que marcam o fim de um dia comum.
 O corpo comum tem desejos comuns
 de desejar não ser mais tão comum,
 mas não a ponto de deixar
 o meio-dia da sua existência.

VELHAS NOTÍCIAS PARA O ANO NOVO



ACHAMOS! Conheça o educador físico que não faz questão de ouvir Charlie Brown Jr.

VIÇOSA (MG) — Boxe, muay thai, jiu jitsu, crossfit e crossfit não licenciado: nenhuma modalidade escapa das lições de vida de Alexandre Magno Abrão, Champignon e seus compadres — exceto para o treinador Carlos “Cuba” Santiago, 29, que “até gosta” de Charlie Brown Jr. e, mais ainda, “até gosta” de andar de skate, porém, ao que tudo indica, sabe separar as coisas. Cuba trabalha há seis anos na academia Nocaute, onde

costuma calcular atenciosamente as playlists a que submete seus alunos. “Convenhamos que tem uns 20 gêneros musicais melhores pra treinar, né”, ele se defende, acreditando que fizemos contato para pedir ‘Lutar pelo que é meu’, e não para apenas observar — e de certa forma congratular — sua idiossincrasia. “Sou meio esquisito mesmo”, conclui Santiago, sem demonstrar nenhum outro indício que justifique a afirmação.

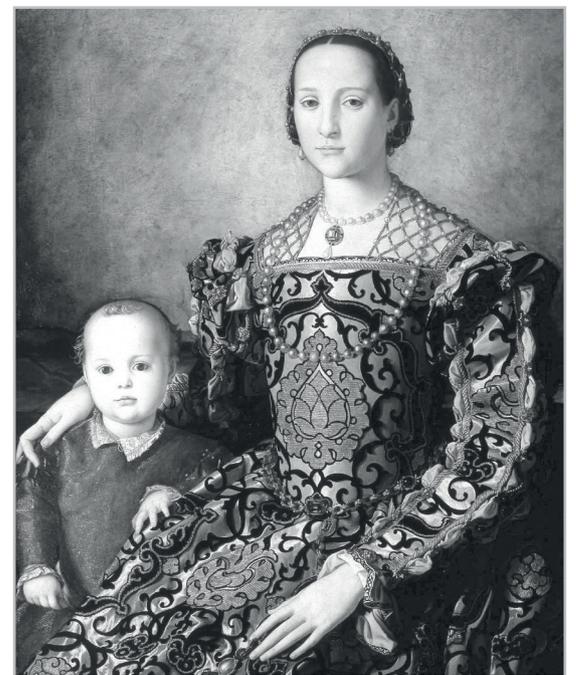
INCRÍVEL! Este senhor sabe reduzir o brilho de tela do celular



SÃO LUÍS-MA — Nosso jovem repórter ficou estarelecido. Enquanto tentava prestar atenção ao filme da sessão de cinema de segunda-feira (“é o dia mais barato”), sua concentração foi comprometida por Adalberto Soares, 61, na fileira em frente à sua. Mas não porque este senhor falava ou protagonizava momentos dignos da atenção de um lanterninha, e sim porque — contrariando todo tipo de preconceito (e, sejamos sinceros, um palpite lógico baseado em heurística básica) — ele sabia controlar seu dispositivo utilizando o brilho mínimo de tela. “Na moral, fiquei de cara”, alega nosso correspondente da geração Z, sem fazer contato visual. Infelizmente, nem tudo são flores. A verdade é que Adalberto despertou atenção justamente porque assistia a um minidocumentário a respeito da influência alienígena na construção da Pirâmide de Quéops sem qualquer tipo de fone de ouvido. Não houve contato entre os dois, uma vez que o jovem adulto sentiu vergonha de interagir (mas gravou três *stories*).

“Quero deixar um mundo melhor para os meus filhos”, alega bilionário filantropo. “Exclusivamente para os meus filhos”

DA REDAÇÃO — “Nunca entendi a confusão. Eu sempre disse, com a maior honestidade possível, que queria deixar um mundo melhor para eles. Para eles. Se as pessoas leem com a ênfase errada é culpa da típica falta de educação desse país”. Eis o que expressa o bilionário (“prefiro ‘filantropo’”) Bobby dos Reis, sem papas na língua, mas com dois Papas na agenda para outubro. Ele andou recebendo críticas por comprar a Ilha da Paz, próximo ao Ceará, e convertê-la em uma microDisney para os filhos Z, 11, e K, 8. Estima-se que a nova atividade no local gere 102 toneladas de lixo por fim de semana, além de queimar uma quantidade degradante de combustível para proporcionar o transporte de pessoas e carga. Ademais, tartarugas morreram. Várias. E golfinhos. A vegetação nativa foi toda convertida num heliporto. A ONG 4Justice, criada por Reis, alega que todas as atividades de construção e consumo seguem parâmetros exemplares ESG, e que a microDisney trouxe desenvolvimento econômico à região, “que sequer tinha McDonald’s”. “Bobby é criticado por, basicamente, ser o melhor pai do mundo”, respondeu um representante.





Flautista sente o púbis, e Orquestra Sinfônica de Itajaí corre para registrar substituto

ITAJAÍ-SC — Cordas, madeiras, metais, percussão: absolutamente nada desafiava a lógica do ensaio da Orquestra Sinfônica de Itajaí (OSI) em uma pacata tarde de quarta-feira. E então, dissonância. Tiago Pratto fez o temido sinal de substituição. Alegando dores no púbis, o flautista teve de ser retirado de maca do palco e agora causa uma verdadeira cefaleia para a OSI, que corre contra o tempo para registrar um substituto na janela de mercado antes de sua estreia na temporada de festivais “Clássicos do folclore alemão”, no domingo (13), no Teatro Municipal.

O clima na Orquestra já não é dos melhores. Maestro há quatro anos, Bruno Tubba tem convivido com contestações da torcida, que o acusa de ser retranqueiro. “É sempre uma formação muito defensiva — onde já se viu, entrar com seis contrabaixistas pra tocar Brahms? Me poupe”, vilipendiou a bancária Vanessa

Klein. “E vamos combinar que esse Tiago é um chinelinho. Engraçado que no Bar do Bigode ele não sente canelíte, bursite, otite, né — esse gosta mesmo de um Chopin, se é que me entende”. Tubba se defende das críticas apontando os constantes acréscimos adicionados às performances em função do tempo perdido por crianças chorando na plateia. “Preciso ter um grupo preparado: seis contrabaixistas seguram a barra em qualquer contexto; é uma quantidade perfeitamente aceitável”.

Também sobram críticas à diretora artística, Leila Buonaventura, acusada de mau planejamento para a temporada e de utilizar a Orquestra como capital político para expandir sua rede de churrascarias. “É simplesmente absurdo não ter reserva para um flautista que Itajaí inteira sabia que ia nos deixar na mão”, contesta o autônomo Marcelo Cordato. Um eventual substituto para Tiago Pratto precisa ser registrado no BID (Baixo Instrumento Doce) até o dia 15.



Sérgio Mallandro está cansado

BUT DOCTOR, I AM PAGLIACCI — “Às vezes eu só queria discutir o Prêmio Jabuti, ou ao menos fazer uma refeição completa sem gritar ‘glu glu yeah yeah!’”. Em desabafo forte ao RelevO, Sérgio Mallandro — que agora pretende atender apenas por Sérgio Cavalcanti — abre o coração e promete adotar um novo modo de vida, isto é, aquele de um senhor de 68 anos que não age como um completo imbecil. “As pessoas se esquecem que aqui tem um Sérgio. Um cara bacana, que paga impostos, consome vinho, domina regência verbal, acompanha o US Open e o festival de teatro. Aposto que você nem sabia que sou faixa preta em jiu-jitsu”. “Há pouco tempo, ouvi uma entrevista em que Tom Jobim, referindo-se a Carmen Miranda, sintetiza: ‘Depois que você coloca o abacaxi na cabeça, é impossível tirar’. Aquilo me tocou profundamente. Profundamente”. “Glu glu”, ele conclui num espasmo rouco, quase inaudível. “Desculpem... yeah yeah”.

Para reduzir poluição, São Paulo proíbe São Paulo

SÃO PAULO-SP (POR ENQUANTO) — Em movimentação surpreendente, a Prefeitura de São Paulo, junto do Governo do Estado e basicamente qualquer cidadão não paulistano, tomou uma decisão drástica: São Paulo, a cidade, está proibida por São Paulo. O desligamento não inclui a região metropolitana. A ideia principal consiste em reduzir a poluição, ao menos no plano oficial. De forma atípica, a iniciativa uniu grupos políticos bastante opostos. “É bem simples: ninguém mais aguenta morar aqui”, alegou um assessor que não quis ser identificado, mas tinha sotaque carioca e confessou estar se divertindo um pouco, “com todo o respeito”. Consultado, o presidente apenas respondeu “demorou”. Concretizando um sonho antigo, os corintianos agora serão um povo autônomo, ainda sem saber aonde migrar (mas provavelmente ao Paraná, “que já é nosso mesmo, VAI COR...”, retorquiu um porta-voz, sem ter sido perguntado). O Palmeiras deve se deslocar para Santos, sugerindo uma possível fusão com seu rival mais querido, ao passo que ninguém se importa com o São Paulo FC. Analogamente, ninguém manifestou interesse em abrigar a região do Itaim Bibi, apesar de esta ter sido avaliada em R\$ 19 bilhões (por consultores do Itaim Bibi). O terreno do município será gradualmente desativado, depois convertido — agora oficialmente — em um grande estacionamento.



Mais Jornalismo de verdade no Instagram do Jornal RelevO.

Uma não tão breve história do tipo

Parte 1 – por Daniel Zanella

Trecho da tese “Humor e representação na seção literária ‘Tipos Brasileiros’ da revista *piauí*”, a ser defendida em início de 2025.¹

Na história da literatura, o conceito de tipo desempenha um papel de caracterização de personagens e de estruturação narrativa. O tipo transcende a individualidade, representando generalizações que expressam traços universais ou cômicos. O tipo não se move, o tipo se assenta. O tipo não tem sutileza, circunda o episódico, ajustando-se especialmente a narrativas não dominadas por uma intriga.

A evolução dos tipos literários atende mais a uma necessidade de classificação do que realmente à existência de uma *progressão* literária, desde sua emergência na literatura grega até suas adaptações contemporâneas, aparecendo em obras de autores que vão de Aristófanes (c. 446 a.C. – c. 386 a.C.) a João do Rio (1881–1921)².

Os tipos literários se distinguem das personagens individualizadas. Entendemos aqui a noção de personagem como “categoria fundamental da narrativa”, que “evidencia a sua relevância em relatos de diversa inserção sociocultural e de variados suportes expressivos”³. Na narrativa literária, como no cinema, quadrinhos e telenovela, a personagem frequentemente se apresenta como o centro da ação, ao redor da qual a trama se organiza⁴.

Enquanto as personagens individualizadas são moldadas por particularidades psicológicas e narrativas, os tipos funcionam como encarnações de traços coletivos, sociais ou culturais. E. M. Forster, em *Aspectos do Romance* (1927), apresenta um conceito que pode hoje ser encontrado no mais simples manual de teoria literária: o de personagens “planas” e “redondas”. Forster define tipos como personagens “planas”, moldadas em torno de uma única ideia ou qualidade, contrastando com as “redondas”, que apresentam complexidade psicológica e evolução narrativa. “Personagens planas eram chamados no século XVII de *humours*’ e são ora chamados de tipos, ora de caricaturas. Na sua forma mais pura, são construídos ao redor de uma ideia ou qualidade simples”. Lembramos que a etimologia de *“humours”* faz referência aos fluidos corporais humanos, cada um associado a uma função específica.

Para Forster, as personagens planas desempenham um papel fundamental na narrativa por sua capacidade de gerar previsibilidade e

continuidade, sendo memoráveis por sua simplicidade e repetição – ou “redondas, quando construídas ao redor de mais de um fator”. Em contrapartida, como podemos observar, as personagens redondas surpreendem o leitor, sendo mais adequadas à exploração de dilemas internos e transformações pessoais. Entre entusiastas e detratores da tipologia de Forster, “e outros mais, aqueles que preferem aderir ao último modismo – ou seja, que tratam a obra literária com a mesma sofreguidão com que leem as notícias do dia –, a esses, o nome Forster deve soar como marca de cerveja” (Luiz Ruffato, 2003).

A personagem redonda, por suas características complexas, muitas vezes exige procedimentos narrativos específicos, como o uso do monólogo interior. Isso permite que seus conflitos e mudanças sejam expressos em uma temporalidade psicológica, refletindo a profundidade emocional e psicológica da personagem. Essa técnica de focalização interna é uma solução narrativa que ajusta a representação da personagem às suas complexas exigências psicológicas. Vale reforçar que a prosa acadêmica de Forster é especialmente saborosa e colorida. Ao definir que a literatura de Charles Dickens (1812-1870) é formada por personagens planos, nem por isso meramente superficiais, defende que “o romance mais complexo por vezes requer gente plana tanto quanto gente redonda”. Ao tratar de Pip,



Pantagruel, Gustave Doré (1873)

E N C L A V E

a newsletter do Jornal **RelevO**

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>

personagem principal de *Grandes Esperanças*, e de David Copperfield, ambas de Dickens, sentencia: “Praticamente cada um desses personagens pode ser resumido numa frase, mesmo assim tem-se a maravilhosa sensação de profundidade humana”. Logo depois, ironiza: “a qualquer momento podemos olhar para Mr. Pickwick de soslaio e notar que ele não tem mais relevo do que um disco de gramofone”. Um pouco mais à frente, ele chamará H.G. Wells de agitador de personagem.

Na sequência, ainda sobre o gênio de Dickens, Forster ressalta um paradoxo fascinante em sua obra, repleta de personagens marcantes, tipos e caricaturas. Esses tipos são figuras estereotipadas ou exageradas, fáceis de reconhecer por suas características repetitivas. Por exemplo, Ebenezer Scrooge, em *Um Conto de Natal*, representa o avaro, enquanto Mr. Micawber, em *David Copperfield*, é o eterno otimista despreocupado.⁵

No mesmo ideário, vale o acréscimo da divisão de Massaud Moisés, presente em *Dicionário de termos literários* (2004). “Dividem-se em: tipos, quando a peculiaridade alcança o auge sem causar deformação, como o Conselheiro Acácio (*O Primo Basílio*) ou José Dias (*Dom Casmurro*), e caricaturas, quando a qualidade ou ideia única é dilatada ao extremo”. A distorção a serviço da sátira pode ser vista em Ernestinho, “do mesmo romance queirosiano, retrato hilariante do poeta romântico descabelado e piegas”.

O tipo literário pode tanto prevalecer em certos gêneros quanto parecer ausente em outros, dependendo do nível de individualização das personagens. No romance moderno, a personagem pode se transformar ao longo da trama, acompanhando as incertezas do mundo. Essa transformação é supostamente vista como reflexo da fluidez e da indeterminação típicas das sociedades modernas, onde os indivíduos não teriam destinos fixos, mas estariam em constante construção. No romance, os protagonistas carregam dilemas que os conectam a temas universais, como liberdade e identidade, mas também enfrentam conflitos próprios de seu contexto social, revelando as tensões entre o coletivo e o pessoal.

As noções de personagens planos e personagens redondos de E.M. Forster, embora úteis, apresentam alguns problemas e limites. Carlos Reis (1988) defende que a distinção personagem plana-personagem redonda envolve riscos se for encarada de forma rígida. “Num

universo diegético não se verifica forçosamente essa repartição esquemática, observando-se por vezes que certas personagens oscilam entre a condição da personagem plana e a da redonda”.

De fato, a classificação definitiva de uma personagem como “plana” pode desconsiderar a *evolução* ou as nuances que ela pode apresentar ao longo da narrativa. Mesmo personagens aparentemente simples ou unidimensionais podem revelar complexidade em contextos específicos. Além disso, as personagens redondas podem se tornar excessivamente ambíguas ou indefinidas, o que pode dificultar a clareza da narrativa, transformando-as em figuras simbólicas ou metafóricas que podem ir além da experiência humana concreta, como é o caso de Capitu em *Dom Casmurro*, o que pode tornar sua interpretação mais subjetiva e aberta a múltiplas leituras. Portanto, essas categorias podem ser vistas como redutoras e não totalmente aplicáveis a todas as narrativas, especialmente em textos mais modernos ou experimentais, onde as fronteiras entre tipos de personagens são frequentemente mais fluidas e menos definidas.

Henry James, que em *A Arte da Ficção* parte da perspectiva do autor que levanta um mundo ficcional e planeja a extração de um modelo, declara que “a província da arte é toda a vida, todo o sentimento, toda observação, toda visão”. Ele enfatiza que a experiência sensível do escritor é essencial para a criação de personagens. Assim, a seleção de elementos da realidade deve ser cuidadosa, evitando sobrecarregar a narrativa com detalhes irrelevantes. “A arte é essencialmente seleção, mas é uma seleção cuja preocupação fundamental é ser típica, ser inclusiva”. Essa seleção cuidadosa reflete o esforço do escritor em capturar o modelar, a substância de uma situação ou personagem, criando um retrato que é ao mesmo tempo específico e universal. Assim, para James, o sucesso da narrativa está na habilidade de equilibrar autenticidade e simplicidade.

A extração do modelo de Henry James é importante para a pesquisa sobre tipos porque introduz a ideia de que as personagens literárias não são apenas construções estáticas ou planas, mas refletem um processo complexo de desenvolvimento interno e relação com o contexto narrativo. Os personagens podem ser analisados como entidades dinâmicas que incorporam tanto individualidade quanto aspectos representativos da sociedade ou do momento histórico. Essa

perspectiva amplia o entendimento sobre os tipos literários, mostrando que, mesmo quando desempenham papéis representativos, os tipos podem carregar nuances e profundidade que contribuem para a riqueza da obra. Assim, o modelo de James permite conciliar a ideia de personagens como “tipos” com a possibilidade de maior densidade psicológica, tornando o conceito mais flexível e útil para abordagens literárias contemporâneas. Temos, a partir de James, um exemplo prático de uma romancista que usou uma observação casual de jovens protestantes franceses para criar personagens detalhados e convincentes. Vemos, ali, como uma breve observação pode ser transformada em uma rica representação literária. A escritora exemplificada por James, ao passar rapidamente por uma cena em Paris — jovens protestantes reunidos após uma refeição —, capturou, em um único instante, elementos que alimentaram sua imaginação. A breve experiência visual tornou-se uma “pintura” mental, utilizada para criar uma narrativa convincente e detalhada. “Ela teve uma impressão pessoal direta e extraiu seu modelo. Sabia que juventude era aquela, e que protestantismo; também tinha a vantagem de ter visto o que era ser francês, de modo que ela converteu essas ideias numa imagem concreta e produziu uma realidade”. (*continua*)

¹ Cortamos todas as referências, para o bem do leitor. Ao contrário da [superestimada] academia, na Enclave acreditamos na palavra do autor. Aqui, o formato ideal de referência é “acho que li em algum lugar alguma vez”.

² Entre eles, Giovanni Boccaccio (1313–1375), François Rabelais (1483/1494–1553), Miguel de Cervantes (1547–1616), Molière (1622–1673), Jonathan Swift (1667–1745), Henry Fielding (1707–1754), Laurence Sterne (1713–1768), Nikolai Gogol (1809–1852), Martins Pena (1815–1848).

³ Conforme a definição de Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes em *Dicionário de Teoria da Narrativa* (1988, p. 215).

⁴ Trecho suprimido: “Embora existam narrativas que desafiam a tradicional centralidade da personagem, propondo uma figura mais indefinida e quase invisível, refletindo um “eu” anônimo ou um reflexo do próprio autor – como [OS CHATOS EGOCÊNTRICOS] na autoficção”.

⁵ Na luta melancólica entre Paul e Tyson, por exemplo, o youtuber vestiu o tipo do jovem petulante, ao passo que Tyson seria o herói em seu último ato.

Kay Sage

Tradução de Luciana Quintão de Moraes

Katherine Linn Sage (1898-1963), nascida nos Estados Unidos, é geralmente conhecida como Kay Sage. Pintora surrealista e poeta, ativa entre 1936 e 1963. A artista é reconhecida, principalmente, por trabalhos artísticos que envolvem natureza arquitetônica. Quando esteve em Paris, foi notada por André Breton e pelo pintor surrealista Yves Tanguy, com quem se casou, posteriormente, em Nova York. Existe uma estética de esvaziamento em suas palavras. Como poeta, ela escreve de modo sucinto, entre uma esfera meditativa e uma voz cortante. Seus poemas são breves, porém, densos; tal como seus quadros, sua poesia parece nos convidar a tocar o silêncio em finas arquiteturas, pelos prismas nebulosos ou encobertos nas paisagens da palavra. É possível notar ideias sobrepostas, guardando algum mistério e nos inserindo numa dimensão de vazio, seja nos seus versos ou nas pinturas com cores sombrias.

Sua escrita reduzida amplifica as possibilidades de sentidos, além de gerar mais inquietação para se adequar à sua sonoridade. Há muito a ser analisado em seus escritos.

Kay Sage é uma autora envolvida por um “halo circunspecto”, numa contemplação da vida que se apresenta sutilmente, mais por uma liberdade de criação cética do que por um deslumbramento mágico. Suas pinturas têm frases nos títulos, como se funcionassem em sincronia com os versos de sua obra poética: “Eu vi três cidades” (1944), “Margem do silêncio” (1942), “A resposta é não” (1958), “Amanhã é nunca” (1955), “Os unicórnios desceram ao mar” (1948). O título de uma pintura, “Meu quarto tem duas portas” (1939), não por acaso, é também o primeiro verso do poema “A janela”, desta obra em questão, “The more I wonder” (1957). Os desafios mais recorrentes nos poemas se devem aos aspectos (peculiares) do ritmo e da sonoridade da autora. Em alguns momentos, optei pelo uso de sinônimos e, em outros casos, por reduções lexicais ou inversões sintáticas. Acredito que o aspecto gráfico da palavra (extensão vocabular) e o aspecto visual do poema se complementam. Seu livro, ao todo, contém 72 páginas, com camadas autobiográficas mescladas em outras tantas provocações semânticas e visuais inusitadas.

LAUNDRY

I took my laundry out to iron—
quite a natural thing to do—
it had been crumpled for much too long
and I hoped I could make it look like new.
And what do you think they said to me,
as though I were doing wrong somehow;
“What is the matter? What are you doing?
What is the reason? Why do you have to?
Why do you iron your laundry now?”
I’ve put my laundry back in a bundle,
nothing could make me try any more;
but it’s not my fault if they find tomorrow
more of a mess than there was before—
And I’ll go, right now, to the end of the street
and buy myself a brand-new sheet.

SEASON TO TASTE

springboard ;
where the cowslips
there slip I
summary ;
summer in the houses
fever in the hay
showers in the thunder
dreams in the day
windfall ;
frost in the killing
weather in the vane
hurry in the cane
winter rose ;
fire in the place again
three wise snow men.

MUTATION

Do not count on me; I change
much as the moving mountain range.
My premises slide a bit every season,
never for any very good reason.

Lavanderia TRADUÇÃO

Peguei a roupa lavada pra passar—
coisa bem natural que se faz—
há muito tempo, ela amassada estava
e queria fazer com que parecesse nova.
E o que você acha que me disseram,
como se eu estivesse errando em algo;
“Qual a questão? O que está fazendo?
Qual o motivo? Por que você tem que?
Por que passar sua roupa agora?”
Eu pus a roupa de volta numa pilha,
nada poderia me fazer tentar mais;
Mas não é minha culpa se acham amanhã
ainda mais bagunça do que havia antes—
E vou, agora mesmo, até o fim da rua
e compro uma folha novinha em folha.

Tempere a gosto TRADUÇÃO

trampolim ;
onde as primulas
lá deslizam eu
epítome;
estio nas casas
febre do feno
aguaceiro no trovão
sonhos no dia
bonança ;
geada na matança
tempo em cata-vento
disparate em disparada
pressa no cajado
rosa do inverno ;
fogo no local de novo
três sábios homens de neve

Mutação TRADUÇÃO

Não conte comigo; me modifico
assim como a cordilheira movediça.
Minhas premissas deslizam a cada estação,
nunca por um motivo muito bom.

PEGASUS

I'm riding for a fall
and I know it
and I don't care at all
and I show it.
I'm riding for a fall
with an awful clatter;
but if it didn't hurt at all,
would it matter?

Pegasus TRADUÇÃO

Cavalgando rumo à queda
e eu percebo isso
e nem me importo com ela
e eu provo isso.
Cavalgando rumo à queda
com terrível gritaria;
mas se não doesse a queda,
de que isso valeria?

HEROICS

Because I run
it does not mean
I am not out of breath;
my courage comes from being
scared to death.

Heroísmo TRADUÇÃO

Porque eu corro
isso não quer dizer
que eu não perco o fôlego;
minha coragem vem por me ver
morrer de medo.

A SMALL TREE

I took a small tree
which had no branches
and I transplanted it.
I chose richer soil
because I wanted
a big tree.
The tree grew no taller
but many branches
sprouted from it.
One by one
as the branches grew,
I cut them off
for firewood.
At last the branches
ceased to grow.

I pulled up
the small tree
and put it back
where it had come from.

Pequena árvore TRADUÇÃO

Uma arvoreta peguei
que não tinha galhos,
e assim, transplantei.
Escolhi solo rico
porque eu a queria
crescida.
A pequena não cresceu mais
mas muitos ramos
dela brotaram.
Um por um
enquanto eles cresciam,
eu os cortava
para a lenha.
Até que os ramos
pararam de crescer.

Segurei
a arvoreta
e a devolvi
ao seu lugar de origem.

MY SISTER

I met a man along the road,
I said, "Excuse me mister,
but do you think that you could tell me
where to find my sister?"
He looked at me so strangely,
I thought he might be crazy;
"Yes," he said, "I'm sure I can,"
and handed me a daisy.

Minha irmã TRADUÇÃO

Conheci um homem na estrada,
Eu disse, "Senhor, com licença,
mas você acha que poderia me dizer
onde encontrar minha irmã?"
Ele me olhou tão estranho,
achei que estivesse louco;
"Sim," disse, "com certeza, posso,"
e uma margarida me entregou.

SUMMER SEQUENCE

Summer stars
summarize
and some are glass
glass eyes
isinglass
eyes in glass houses
throwing stones.

Sequência de verão TRADUÇÃO

Estrelas de verão
condensam
e algumas são vidro
olhos de vidro
cola de peixe
olhos em casas de vidro
atirando pedras.

Fabrício Pinheiro

MIRISOLADA

Fui convidado para dar uma entrevista em uma rádio pirata comandada por um jovem que se chamava Venezuelano. Não tinha nada a ver com as coisas que eu escrevia, mas sim com as que Francisco Escipiano escrevia. Chegaram até mim depois que um amigo, esse escritor de verdade, comentou em uma mesa de bar que Francisco era o maior escritor morto que já existiu e que poderia provar isso, no caso, eu. O Venezuelano se sentiu desafiado, até mesmo ultrajado com a afirmação, segundo disse meu amigo quando tentava me convencer a dar a entrevista, e topou a pauta.

Eu tinha alguns vários defeitos, e um deles era a ansiedade, que eu disfarçava com pontualidade — isso veio com a idade. Lembro que acordei cedo no dia da entrevista, mesmo chegando muito tarde, fumei um cigarro que secou minha boca e acentuou o gosto do álcool, senti o infarto de praxe que acomete o primeiro cigarro de um dia de ressaca e fui ao banheiro tentar expelir todas as podridões da noite anterior que habitavam o meu corpo. Bebi água e me senti renovado por três minutos. Decidi parar de lutar contra o meu estado calamitoso, bebi mais um pouco de água e saí para ir até a entrevista.

Cheguei 30 minutos antes da hora marcada. A rádio ficava dentro do apartamento do Venezuelano, que morava no mais novo bairro descoberto pela juventude descolada da cidade. O prédio, devidamente antigo, era um apartamento por andar, um elevador me jogou na sala da casa do Venezuelano. De pirata a rádio não tinha nada.

Fui recebido por uma rodinha de jovens entre 19 e 22 anos, todos fumando maconha. E, por alguma solidariedade do destino comigo, não havia nenhuma música tocando, eu já até estava decepcionado e arrependido o bastante até ali.

Um dos amigos do Venezuelano me convidou para sentar com eles. Me trouxe uma cerveja da cozinha sem que eu pedisse ou ele oferecesse, apenas cogitou que eu gostaria de uma, ninguém mais bebia, eram 9h30 da manhã e quase o respeitei por isso. Como ninguém mais bebia, pressupus que eles deviam achar que bebida fosse um hábito de velho; ao menos àquela hora do dia, lamentei por eles. E alguém que mantém a geladeira abarrotada de cerveja mesmo sem beber, bem-intencionado não deve estar.

A única mulher do grupo, uma ruiva

mastigadora de chiclete e entusiasta de brechó, perguntou se eu era o entrevistado do dia, respondi que sim e ficou por isso mesmo. Virou para os amigos e começaram a falar sobre restaurantes e festas que foram. O grupo ficou ouriçado como pervertidos colegiais na hora do intervalo. Alguém finalmente conseguira ficar com o Vita, aparentemente um *boy*, como disse a ruiva, desejado entre eles. Todos ficaram extasiados, ainda mais quando souberam que o serviço fora completo, o felizardo do self-service de Vita virou uma celebridade instantânea entre os amigos. Eu matava a cerveja e a maconha, que já monopolizava sem ressalvas, quando a ruiva abruptamente segurou meu braço com os olhos arregalados.

— Você já foi no Sarnelo's? — perguntou apreensiva.

— Não — respondi.

— E no PBD? — insistiu.

— Também não.

O desinteresse foi mútuo. Eu precisava de mais cerveja caso aquilo perdurasse. Onde estava o maldito Venezuelano? Quando terminei a primeira, o mesmo jovem foi à cozinha e me trouxe outra, também sem falar nada. Ou era mudo ou sabia ler as pessoas melhor que qualquer vidente de lambe-lambe que se preze.

O grupo continuou a conversa. Dessa vez o tema era a próxima viagem internacional que fariam, algo de uma rave que aconteceria *pras* bandas de Amsterdã, as drogas experimentais estavam garantidas, assim como o cartão de crédito ilimitado. Então três, entre eles a ruiva, lembraram do tempo em que moraram em Nova Iorque — para eles, New York com direito a pronúncia inglesa e tudo — na *Alguma Coisa de Número e Parque AVE.*, a duas quadras do prédio do King Kong. Foi aí que milagrosamente o mudo falou, não poupando elogios ao trio nova-iorquino — ou new yorkino? — concentrando-se na ruiva, a qual destinou adjetivos como “incrível”, “linda”, “coração enorme”, “você bela no Cipriani”, “lembra aquela vez que você colocou a gente *pra* dentro da festa do Champ?”. A mesma farofa se destinava aos outros dois, que eram igualmente lindos e incríveis. Talvez eu estivesse enganado a vida toda, passaporte molda caráter sim. Quanta gente linda!

— Você já foi em New York? — me perguntou a ruiva caprichando no R. — Não — respondi entrando no jogo novamente.

— E em Amsterdã?

— Também não.

— Você não é daqui né? Você é de onde? — por um instante a ruiva pareceu estar realmente interessada.

— Do Pará.

— Ah! Eu já fui no Nordeste uma vez! — a ruiva disse com a segurança de quem conhece das coisas e me tivesse feito um favor.

— Pois é...

— Você já viajou para algum lugar? — tratava-se mais de desprezo que interesse da ruiva.

— Claro! A melhor que fiz foi viajando sozinho, eu ainda era apenas uma sementinha — sorri.

Todos me olhavam com cara de desaprovação. A ruiva se retirou, sumindo no corredor. O mudo-falante me ignorava bolando um baseado, dando sinais que uma terceira cerveja não viria. Um casal começou a se beijar, os dois com barbas caindo no peito, um cofiando a barba do outro enquanto se beijavam. O restante apenas me ignorava sem disfarçar.

Fiquei curioso em conhecer o tal Venezuelano, principalmente quanto a origem do seu nome, que claramente não era seu nome de verdade. Pensei, devido ao rumo que a conversa com os amigos tomara, talvez fosse apenas uma questão estética, o que já o deixava em descrédito comigo, não que isso valesse alguma coisa. Se fosse por opção política talvez o desse uma chance, mesmo sendo de uma falta de criatividade e uma chatice absurdas. Quem sabe eu passasse a me chamar Maniva por gostar de Maniçoba, ou talvez Pará por ter nascido no estado, ou melhor, Paraíba, considerando a dificuldade geográfica do eixo Sul-Sudeste-New York-Amsterdã-Para o Raio Que O Parta.

Finalmente o Venezuelano deu o ar da graça. Chegou na sala de mãos dadas com a ruiva, o que não dizia muito, dado o conhecimento da *tchurma* no quesito alfândega, cardápio, barba cofiada e self-service Vita. Longe de mim parecer antiquado em meio ao frescor de tanta liberdade, não é mesmo?! Eram apenas amigos, muito menos coloridos — acho que ainda se fala assim, amigos coloridos — trocavam confidências e tudo, quicá até o mesmo *boy*.

Ele me cumprimentou estendendo as pontas dos dedos e com dois beijos no rosto, junto a um sonoro “Tarrrrrde”. Devia ter sido ali o intercâmbio feito pela

ruiva *pra* conseguir tanta excelência ao pronunciar “Yorrrrk”.

Venezuelano usava uma regata arrastão preta, short de um lado roxo do outro verde, quase não se enxergava um dos braços e o pescoço devido à quantidade de cordão e pulseira, parecia uma das mulheres-girafas da Tailândia.

Ele era o líder do rebanho. O admiravam e paparicavam só pelo fato de ter dado o ar de sua graça, nada mais, nenhum feito, nem uma palavrinha interessante, eu até aceitaria que sentasse ao sofá, cruzasse as pernas e escalasse um violão *pra* dedilhar “Leãozinho”, algo que me fizesse dar uma *suadinha* nas dobras. Nada. Ao contrário, deu meia-volta na sala, catou algumas uvas na geladeira, se escorou no balcão da cozinha, mastigando o blasé de boca aberta, assistindo os amigos se digladiarem para ver quem trazia o assunto mais interessante, todos recebidos por um levantar de sobrancelhas tedioso.

Eu conhecia o tipo. O Venezuelano. Já até esperava por isso, mas depositei uma ponta de esperança — como o dízimo que meu pai desperdiçava aos domingos em vez de me dar — por conta do nome. Não que eu andasse por aí de coturno, boina e charuto inflamando revoltas civis, eu era bem preguiçoso nesse quesito, ainda continuo assim, mas não seria nada mal ver um juvenzinho hipster de padaria com umas opiniões realmente *encaralhadas*. Eu saquei o tipo antes mesmo de ouvi-lo falar. Venezuelano era daqueles que opinam sobre tudo, e o fazem categoricamente — se faz algum sentido é outra questão — e conhecem tudo mais ainda, claro, desde que o assunto valha o sacrifício do prodígio. É mais uma dessas enciclopédias que se arrastam pelos bares enumerando *palestrinhas*, vestidos com roupas usadas, pagas no cartão do pai. Não era por admiração que eu estava ali, era por vaidade intelectual estremecida dele. Por quem? Isso eu não sabia dizer. No fundo, tudo faz parte da mise en scène, da *perform...* Não irei dizer com que isso se parece, pois podem me acusar de plágio.

Ao terminar as uvas, ele me chamou pelo dedo. Me levantei, também a ruiva e o mudo-falante, e o segui. Ele ia à frente com os ombros arqueados, a bundinha empinada delineada pelo short. Nada. Outras pessoas já me chamaram pelo dedo e foi muito mais excitante. Talvez por prever o que estava por vim me bloquear.

Chegamos ao estúdio. Repito, de pirata não havia nada. Nem um respingo de improviso. Nunca fui um frequentador de estúdios de gravação, ou de rádio, de qualquer segmento, mas acho que devem ser como o da casa do Venezuelano. O técnico de som era o mudo-falante, e não vou ironizar a ironia. A ruiva era como uma animadora de auditório, fazia uma quase dupla com o Venezuelano, expressava basicamente interjeições. Enquanto estavam nos últimos preparativos para dar início à entrevista, Venezuelano puxou conversa.

— Você já fez ménage?—perguntou sem preliminares.

— Duas ou três vezes, nem sei dizer se uma ou duas foram realmente. Tenho dificuldade em conceituar certas coisas, na verdade, acho desnecessário. Geralmente, eu apenas estou muito cansado e peço licença para me retirar. Além do fato que tenho uma séria dificuldade em me enturmar.

O Venezuelano e a ruiva me olharam como estivessem confirmando algo ao meu respeito que suspeitavam desde o início. Pude até perceber os *egunhos* inflando e a superioridade lhes assegurando de sabe-se lá o quê. Como tudo na vida, qualquer coisa requer aprovação, inclusive o ménage, mas meus próprios inquisidores descolados pareciam não saber disso; e se essa era a intenção — um ménage radiofônico com *egunhos* saltitantes —, fiquei feliz em decepcioná-los.

— Você é heteronormativo?—continuou o Venezuelano.

— Cara, grande parte da semana eu tô esfomeado e enchendo a cara. E muita das vezes a combinação me traz algumas alegrias, além da pressão alta e o risco de morte no dia seguinte, claro.

— Não entendi o que você quis dizer.

— Não entendi o que tu quiseste saber, garoto.

O Venezuelano se sentiu ofendidíssimo com a minha resposta, principalmente por tê-lo chamado de garoto. Rodopiou na cadeira resmungando e se levantou com as nádegas mordiscando o shortinho *purple-green*. O fato era que ele não estava nem aí para o que eu tinha a dizer, mas também não estava acostumado a ser confrontado. Estava claro que ali havia uma dieta balanceada desde a infância em leitinho no pires e paparicos, vide a demora e o surgimento triunfal na sala.

— Aliás — continuei, dessa vez para o mudo-falante —, tu podes me trazer uma outra cerveja antes de começarmos, por favor.

O mudo-falante já havia se levantado para ir a cozinha quando o Venezuelano interveio, colocando o coitado para fazer várias tarefas irrisórias. “Porra, Venê, chato pra caralho!”, pensei. Enquanto o

mudo-falante enrolava e desenrolava cabos para absolutamente nada, o Venezuelano voltava-se para mim a fim de mais uma sessão de perguntas extraoficiais.

— Você é muito liso né?—disse o Venezuelano querendo despontar sarcasmo.

— No sentido monetário da coisa sim! Eu tenho 3 cuecas para 365 dias do ano, isso já diz muita coisa — respondi, deixando claro ao prodígio que, nesse quesito, eu estava bem preparado.

— Ai, so funny! — concluiu o Venezuelano, usando de todo seu repertório inglês tupiniquim.

O moleque meteu um mix de inglês com português. Aquilo estava piorando cada vez mais. Eu já podia prever até as citações que usaria, e o discurso pormenorizando a condição financeira abastada—patrocinada pelos pais — para exaltar a aptidão intelectual, alcançada por seus árduos esforços. “Se não fosse por mim”, diria. Se não fosse por ti, garoto, eu poderia estar sossegado em casa remoendo minhas lamúrias em paz — só as minhas.

Por falar em mix, isso era um mal inerente ao tipo. Explico melhor. Todo mundo da nova safra era metido a DJ, até no modo de falar. Com o Venezuelano não era diferente. Logo que terminou o mix linguístico meteu uma “*playlistinha* minha para entrar no clima”, mix diminutivo e sonoro dele. Confesso que não era nada mal, já havia escutado piores, quando tocou Minnie Ripperton quase me ganhou, o problema foi que, quando Reasons ecoou, o Venezuelano já listava inúmeros “*inferninhos irados*” que havia tocado e promovia a festa de sua rádio que aconteceria em duas semanas, lógico, com ele como atração principal nos *toca-aplicativos-discos*.

Não havia problema algum em ser DJ, desde que eu estivesse bem distante de suas realizações profissionais. Tenho amigos que eram admiradores da profissão desde adolescentes, mas no meio do caminho foram ter filhos, limpar balcões, revender coisas ilícitas, se endividaram até as ventas, alguns foram fazer greve e levar uns cassetetes na nuca, outros ficaram ocupados muito tempo dentro de vagões lotados, muitos foram roubados por bancos e passaram fome, coisas que apeteçiam uma geração mais virilha assada e cara enrugada, e os

que chegaram próximo de concretizar o fetiche profissional, o fizeram por simples e dedicada intenção de participar da sacanagem ilesa e espontânea.

— Sabe, garoto, desculpa insistir, mas fico melhor depois de algumas cervejas—disse, insistindo no garoto e nas cervejas, mas pedindo desculpas de antemão para dar uma maneira.

— Você é alcoólatra?—perguntou o Venezuelano.

— Porra, garoto, isso é pergunta que se faça? Tu achas que Madre Teresa de Calcutá sabia que era santa? Aliás, antes de ser Madre, ela não era Teresa, muito menos de Calcutá, imagina santa!

Eu não sei dizer ao certo o que minha resposta despertou no Venezuelano, esperava que o deixasse mais irritado, porém o que veio em seguida foi mais uma cerveja trazida pelo próprio prodígio com instruções ao mudo-falante para me trazer quantas eu pedisse. A verdade era que entre o ménage e a minha óbvia vontade de me embriagar e escapar daquilo — e claro, irritar o garoto —, ele também tinha das suas, que era me apanhar de calça justa. Ele estava nem aí para Francisco Escipiano, eu também não estava, mas ele, como todo Venezuelano de Cobertura que se dê valor, queria provar sua superioridade *intelectohypada*.

Depois disso, e das perguntas capciosas disfarçadas de interesse, ele deu início à entrevista. O programa era gravado, logo, o Venezuelano poderia fazer o que bem entendesse com as minhas respostas, não dei a mínima e deixei que as coisas rolassem para ver no que ia dar.

A minha introdução foi uma potoca que me deixou lisonjeado. Achei justo, afinal ele não sabia nada a meu respeito e tinha que dar uma encorpada no currículo do convidado para despertar o interesse da audiência, se é que tinha, não duvido que tivesse, deveria existir um número generoso de cabecinhas ociosas entre a sala de estar do Venezuelano e Amsterdã. Eu me transformara em jornalista, estudioso de Francisco Escipiano e que também escrevia nas horas vagas. Eu até escrevia uma coisa ou outra, mas a quantidade de horas vagas era maior que as páginas rabiscadas.

Antes das perguntas começarem, meu expoente do entendimento literário fez

um apanhado geral do que se tratava a entrevista. Segundo ele, seria uma troca cultural para enaltecer o conhecimento entre dois mundos, no caso, o meu e dele. O moleque teve a pachorra de usar enaltecer e me colocar no meio do balaio.

— Por que Francisco Escipiano?—perguntou o Venezuelano dando início à entrevista.

— Tu já leste Francisco Escipiano?—perguntei quase retoricamente.

— Claro!—respondeu o Venezuelano quase se sentindo ofendido de novo.

— Tã respondido. Pode me trazer mais uma, por favor—disse levantando a latinha vazia em direção ao mudo-falante que tentava disfarçar o riso.

— Não, não, não. Não seja assim. Quero saber de você. Por que Francisco Escipiano?

— Era o livro mais barato que encontrei quando, por acaso, entrei em uma livraria rosca fina, além de Escipiano ser um nome claramente inventado e muito astrológico—menti, não dava a mínima para astrologia, nem era chegado a nada gourmet, principalmente tratando-se de literatura.

— Vamos lá. Me dê mais. Vamos embarcar nessa troca cultural — o Venezuelano parecia um monitor de retiro energético tentando sincronizar os chacras.

— Troca do quê, garoto? Cultural? Veja bem, a única troca que me interessa aqui é dos meus 4 meses de aluguel atrasado pela minha alforria ou pelo fogão Dako na tua cozinha.

O venezuelano não entendia que a literatura independe de alguns porquês, ela não é um status que se adquire, não é como a vontade de comer carne e tu poderes dar uma abocanhada em uma picanha, geralmente ela não sacia absolutamente nada. Essas coisas não se explicam, ou talvez ele fosse sagitário com ascendente em virgem, vai saber. A coisa é mais sobre entranhas, sobre desacerto e a ansiedade do inexplicável, do que sobre discursões em grupos de leitura; ou melhor, a literatura é um arrepio na nuca depois de uma lambida no períneo.

Eu sabia que meu entrevistador estava distante de entender isso. Eu muito menos tinha a pretensão de fazê-lo entender, tanto ele como qualquer um que tropicasse em minha frente sem aviso prévio bandeiran-



SINETE
editora

Valorizando a literatura brasileira contemporânea.

Confira nosso catálogo e conheça nossos autores.
editorasinete.com.br



PANGEIA
EDITORA

**Poetas e Ficcionistas,
venham prosear com a gente**

publiqueonosco@editorapangeia.com.br

Conheça mais
www.editorapangeia.com.br

EDIÇÕES
Dionysius

Nós nos desdobramos / Para que cada Escritor / Tenha uma casa / Que possa chamar de Sua

do qualquer conceito de rodapé para lhe servir de palanque, eu até não duvidaria que ele sentisse certo *nojinho* com a minha comparação. Discursões acadêmicas e o meu entrevistador partem do mesmo princípio, assim como o júri de qualquer concurso pé de chinelo, a presunção. Ninguém estava disposto a quebrar algumas vidraças, subjugar-se, ao contrário, era tudo pomposo demais, sacado demais, festejado demais, privado demais, até o coitado do Francisco Escipiano não deixavam escapar ileso dessa. Certamente, se vissem Camille sumindo no deserto, enquanto Bandini, à sua procura, via apenas as folhas de seu caderno sendo levadas pelo vento e o sol se pondo no horizonte distante, estariam em grupo aplaudindo sentados o pôr do sol extasiados com a integração com a natureza.

Senti que a minha resposta havia incomodado o Venezuelano. Eu pensei em mais uma vez dar uma maneirada, caso contrário, das duas uma, ou ele me escorraçaria de sua casa e me deixaria sem cerveja ou começaria a chorar. Nenhum prognóstico era vantajoso para ninguém, ainda mais se tratando de um sábado, que acredito merecer mais que lágrimas e sobriedade. Porém meu entrevistador parecia contra a compaixão e defensor do orgulho inabalável, remexeu algumas anotações que trazia em várias folhas A4 e continuou.

— Muito bem, muito bem! Você é muito difícil de se abrir. Mas vamos lá—disse. Eu não havia percebido quando aquilo havia se tornado uma terapia de casal, porra!

— Você só lê autores homens ou tem mulheres nessa listinha aí? — continuou.

— Que listinha, garoto? Tu estás escrevendo pra *Vêja*, é?! Entenda uma coisa, eu sou péssimo em decorar as coisas, tanto casa quanto nomes. Passei grande parte da vida sem saber quem eu estava lendo, pouco me importava, tu estás entendendo, garoto? Eu só fui entender que Foucault era Foucault depois de algum tempo, e quando soube, me brochou profundamente.

— Como assim Foucault brochou você? Como assim?! — disse o Venezuelano, se sentindo outra vez ofendido, e a frequência disso começava a me chamar atenção.

— Tá dando pra defender homem agora é, Venê?! — retruquei constatando o óbvio. O Venezuelano, apesar do embate que queria alimentar, se contradizia sempre que podia, eu usava isso com o sarcasmo que me era de direito.

— Nada disso. Você está colocando coisa na minha boca. Mas Foucault é maravilhoso.

— Maravilhoso, garoto? O que é maravilhoso é Eneida de Moraes, caralho! Além de escrever feito uma demônia, era comunista raiz, saía na porrada de verdade com a polícia, foi perseguida e presa por

conta disso, e, ainda assim, achava tempo nas horas vagas pra dar uma sambadinha no carnaval, sem falar que era paraense. Coisa que a tua geração, garoto, talvez nunca tenha as manhas de fazer. Tu estás me entendendo?

Por um instante pensei ter calado o Venezuelano. E como sou um cara frouxo, já começava a me compadecer dele. O mudo-falante talvez tivesse engolido até a língua e se tornado mudo de fato. A ruiva deixara as interjeições de lado e assumia um olhar arregalado, parecendo esquecer *New Yorrrrk* um pouco. O Venezuelano vasculhava nas anotações e disfarçava a respiração.

— Muito bem. Parece que nosso convidado é chegado em uma rebeldia. Vamos deixar um pouco a literatura de lado, depois voltamos no Escipiano. Vamos falar de Basquiat e sua arte contraventora.

— Contra quê, garoto?! — tem uma galerinha anêmica que anda com os óculos pendurados na ponta do nariz que tem tesão em sair pelos cantos repetindo termos feito papagaios, apenas porque a palavra caiu bem na boca e porque acham que se destaca no currículo. Venezuelano parecia ser uma dessas.

— Contraventora! Você conhece Basquiat, certo? — disse subindo o tom em “contraventora”.

— Porra, deixa Basquiat em paz, garoto! Ele deu tudo que tinha pra dar, e ainda fizemos o favor de fazê-lo passar vergonha depois de morto, tem camisa, tem broche, tem até tatuagem com o cara, além de um monte de gente “ressignificando” sua arte. Porra, chato pra caralho, Venê! Então deixa ele em paz, garoto, e vai procurar outro infeliz pra revirar os colhões.

— Então quer dizer que não podemos falar mais de Basquiat? — disse o Venezuelano dando respingos de ofendido.

— Claro que pode. Mas tu já ouviste falar em Éder Oliveira? As pinturas do cara podem incomodar bastante também, dependendo da tua referência. Não és tu que gostas de uma contravenção, garoto?

— Eu estou tentando falar de Basquiat, por favor! — indignou-se o Venezuelano.

— Garoto, se quiseres tu podes me contar até como teus pais se conheceram e te criaram. Tá a fim?

— Não, obrigado — respondeu definitivamente ofendido.

Aparentemente tudo ofendia a nova espécie. Eu estava lidando com um moleque birrento no corredor de biscoitos de um supermercado. Ninguém mais aguentava ser contrariado, imagina não ser levado a sério. Fico pensando no tipo sofrendo de uma dor de cotovelo danada, daquelas que a sarjeta vira um lugar indissociável e seu

melhor amigo se torna Nelsinho Rodrigues em meio às lantejoulas arrependidas espelhadas pelo chão do quarto. E eu nem pretendia ofendê-lo com o que dizia. Confirmadas minhas desconfianças, a do ofendidinho nato, decidi acabar com o meu resto de compadecimento e escancarar o meu arrependimento em estar ali.

— Porra, garoto, vamos falar a verdade, isso aqui está um fracasso!

— Fracasso? Fracasso é você! — disse o ofendidinho perdendo as estribeiras.

— Porra, garoto, não me venha com essa agora! Eu perdi as esperanças quando fui rejeitado ainda no jardim de infância na hora do recreio depois de escrever uma cartinha de amor na aula de caligrafia pra Ludzinha. Desde então, tenho amado e escrito cartas incessantemente. E a Ludzinha encontra-se muito bem casada e vivendo em Itacaré. Conheces lá, né? Tens cara de quem conhece e frequenta. Pode dizer que sim, garoto, não precisa ficar ofendido!

— Ofendido? Eu? Conheço sim, e daí! Isso não importa. Você que chega aqui e desrespeita Foucault, desrespeita Basquiat, certamente não sabe nada de Francisco Escipiano. Você é um grosso! Um sacana!

— Não me venha com elogios agora, garoto!

— Não estou elogiando você! — disse já com a voz trêmula.

— Porra, garoto! — finalmente eu desistia de qualquer esperança que ainda houvesse, se é que houve em algum momento desde a primeira catalogação da espécie, do Venezuelano dar uma forra e não ficar apenas esperneando. Eu me levantei e matei o que restava da cerveja dando goladas que fizeram arder minha garganta, até me questioneei se o Venezuelano havia me passado algum sintoma. Me virei e fui até a porta do estúdio, ou quarto, para ir embora.

— Onde você tá indo? — esbravejou o Venezuelano atrás de mim.

— Porra, garoto, estou tentando fazer uma saída triunfal. Não é disso que vocês gostam? — ironizei.

— Onde você tá indo? — repetiu o Venezuelano falando pausadamente tentando soar ameaçador, não fosse o histórico.

— Fazer algo que faço bem, me retirar. Antes vou pegar mais duas cervejas na tua geladeira pra ir tomando no caminho até o Bar do Toninho. Conheces o Bar do Toninho, garoto? Lá habita um seletto grupo de fracassados que choram as pitangas uma ou três vezes na semana, geralmente acompanhados de muita cerveja, escárnio e Ted Max. Já escutaste Ted Max, garoto?

Acendi um cigarro e saí do estúdio. Escutei o Venezuelano gritando “Você não pode fu...”, ou algo parecido, lá dentro.

Fui até a cozinha, coloquei uma cerveja no bolso da calça e abri outra dando mais uma golada generosa para ver se estava tudo bem com a garganta. Ao fechar a geladeira, surgiu ao lado o fogão Dako 6 bocas, cromado, que mais parecia uma fornalha de trem, tentei acender uma boca e desisti na segunda tentativa. Sorri pensando em uma comparação boba com o Venezuelano. Já era implicância demais, claro.

Quando cheguei na sala, os parasitinhos amigos do Venezuelano ainda empanturravam o lugar. Eu não tinha pretensão alguma, com a porta da saída já aberta, de criar vínculos maternos com o garoto, mas talvez se livrar deles o ajudaria um pouco, nem que fosse aprender a chorar sozinho. Da porta fiz um aceno para o grupo sem que ninguém visse e parti.

Na rua, o sábado continuava o meu dia preferido. No outro lado, um cara empurrava um carrinho de cervejas cantando “ôôôô eu te amo, meu amor”, de Frankito Lopes, que tocava em sua caixinha de som reluzente. O acompanhei até nossos caminhos se separarem, na despedida agradei pela cerveja e pela música. “Ei, patrão, agora eu sou turista, eu!”, gritou o homem de longe, colocando um óculos escuro. As pessoas ainda eram as mesmas, era um alívio. “Ainda sinto seu sabooooor, eu não posso esqueceeeeeer”, o homem se esgoelava indo embora e eu tomava o rumo para o Toninho.

P.S.: Antes que isso me cause um problema digestivo desnecessário por conta de curiosos desocupados me perguntando a respeito. Não, Francisco Escipiano não existe.



**BONS
VENTOS
trazem
BOAS
LEITURAS**



EDITORAMINHOS
.COM.BR

EDITORAMINHOS

Leandro Costa

PASSARIM

Uso o sempre o mesmo terno
Só a pena me é nova
Não me ocupo do amanhã
Meto o bico no agora

Lá vem a aurora
Do bando algazarra
Agora, agora
Da Ágora é hora

Agora o restolho
Agora o inseto
Agora o farelo
(Caiu do pacote)

Ali! Carrapato
O milho do pombo
Fiapo pro ninho
Ali no semáforo

Laranja, vermelho,
— Tá verde
— Olha a feira

Salada de xepa
Caroço, semente
Pedaço de casca
Farelo, farinha
Feijão de gorgulho
— Ói lá o entulho
— Pedrinha afiada

Do bico à goela
Do papo à moela
Do bucho à cloaca
A brisa de merda

Flanela agradece

No pique, repique
— Seis hora, olha o sino
— É Ave-Maria
— Ajunta os meninos

Lá embaixo a garrafa
Garrafa de carros
Rasante e subida
Telhados e Torres
Silêncio e sono.

POSTULADO DO PARDAL

Ouçá quem tiver ouvidos
Todo livre é ordinário

NEFELIBATA

Minha poesia não depena patos
Todo bicho migra em mim

Até a Larva

Ó

Obsceno
Obscuro
Ordinário
Observe
Como é pio
O pardal
Do campanário

Obs:

O pardal também pia no teto da puta
Que um dia, impoluta, vos precederá



Sofia Gutierrez

boca do inferno

gregório de matos guerra civil
um caramujo em meu ouvido
sussurrando finas ironias
ele se infiltra corrosivo

gregório de matos guerra obsessão que me dirige
diabo empoleirado no ombro
conspira e confabula
vaza para fora do corpo

gregório de matos guerra de todos contra todos
apenas um brinquedo
reflexo do caos social
jamais seu criador

gregório de matos guerra contrapoder de poeta
dedo debochado em riste
acerto de contas
aponto e atiro

o príncipe

entre pessoas contentes
conscientes
sem ilusão
não vejo mal algum na submissão

o príncipe por exemplo
aristocratinha
entende sua posição
ali por mera fatalidade
cheiro de conflitos íntimos
menino tímido intui a verdade
a ordem é injusta
senão eu
em tudo superior
não seria sua súdita

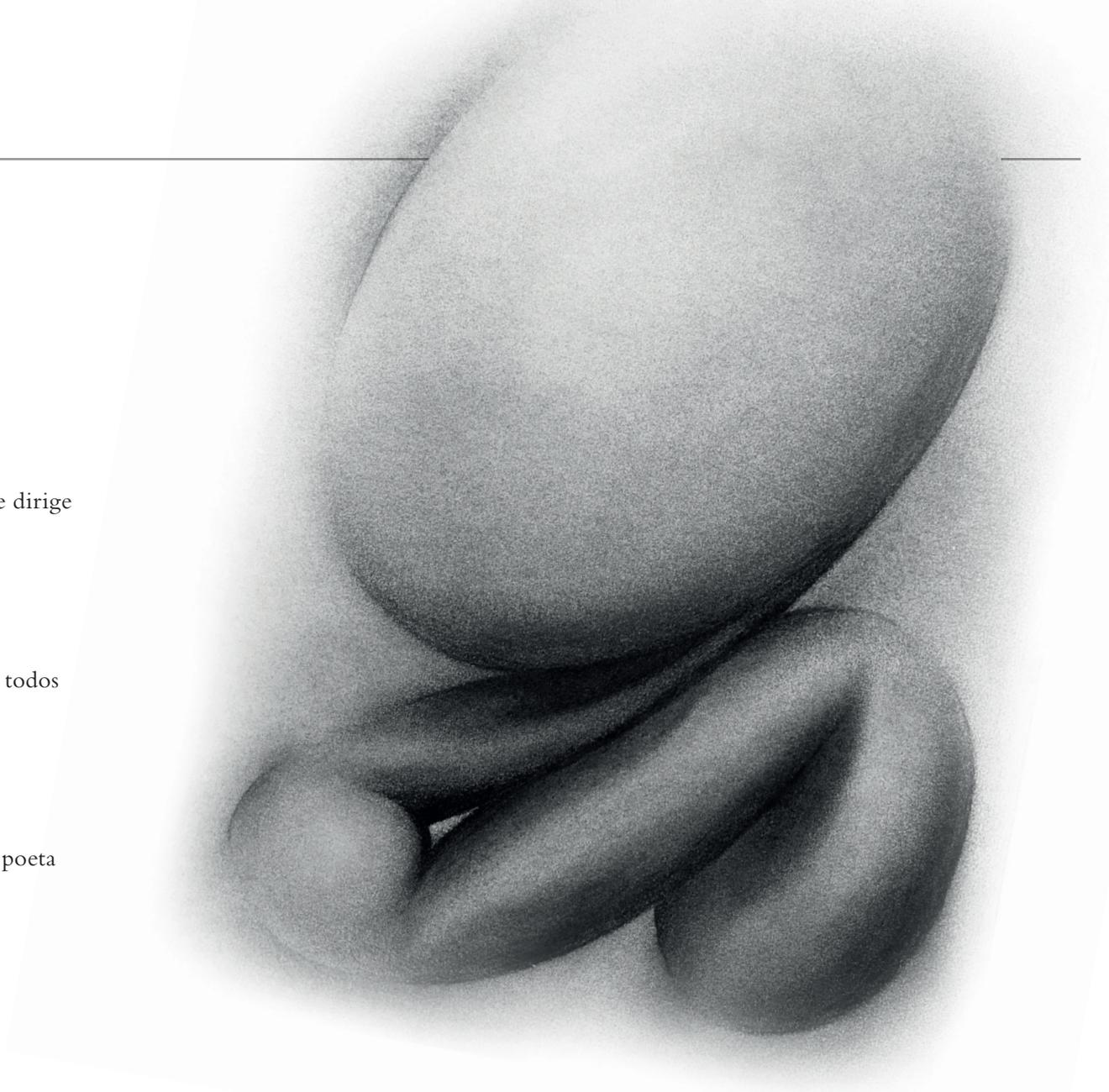
há de haver um equilíbrio
ainda que privado
o príncipe em seu livre-arbítrio
quer castigos de plebeu
me pede pra humilhá-lo

teoria crítica

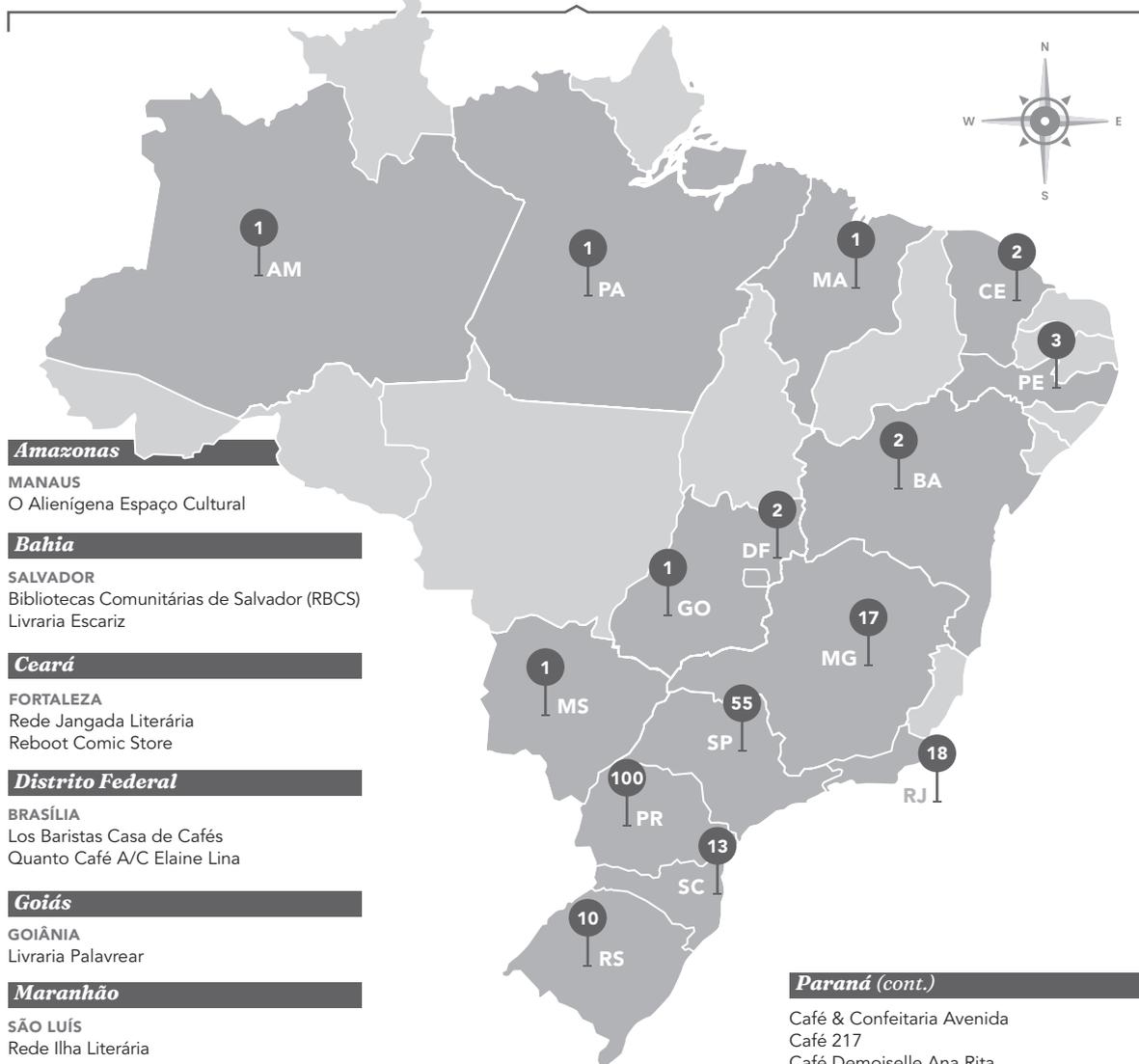
a dominação mais eficaz é transparente
subterrânea no espírito
subcutânea na pele
pega fácil os ocupados
os distraídos
se diz orgânica dogmática
neutra científica
ou mesmo
necessária

a ordem cristalizada em verdade
não aguenta escrutínio
(reparem, duvidem!)

mapeiem
o que há de errado
imaginem
outro caminho



15 UNIDADES DA FEDERAÇÃO // 69 CIDADES



227 PONTOS DE DISTRIBUIÇÃO

Amazonas

MANAUS
O Alienígena Espaço Cultural

Bahia

SALVADOR
Bibliotecas Comunitárias de Salvador (RBCS)
Livraria Escariz

Ceará

FORTALEZA
Rede Jangada Literária
Reboot Comic Store

Distrito Federal

BRASÍLIA
Los Baristas Casa de Cafés
Quanto Café A/C Elaine Lina

Goiás

GOIÂNIA
Livraria Palavrear

Maranhão

SÃO LUÍS
Rede Ilha Literária

Mato Grosso do Sul

CAMPO GRANDE
Banca Modular

Minas Gerais

BELO HORIZONTE
Café CentoeQuatro
Editora UFMG
Livraria da Rua
Livraria do Belas
Livraria Dona Clara
Livraria Jenipapo BH
Livraria Outlet de Livro
Quixote Livraria e Café
CÁSSIA
Livraria da Praça
ITAUBÁ
Lume Livraria
POÇOS DE CALDAS
Sebo Travessa Cultural
POUSO ALEGRE
Sebo Santa Sofia
SABARÁ
Sou de Minas, Uai
SÃO JOÃO DEL REI
Livraria Café Itatiaia
UBERABA
Lemos & Cruz Livraria
UBERLÂNDIA
Domus Brasilis Livraria
Samsara Espaço Esotérico

Pará

BELÉM
Rede Amazônia Literária (Espaço Cultural
Nossa Biblioteca)

Pernambuco

RECIFE
Livraria da Praça
Livraria Pó de Estrelas
Releitura

Paraná

ARAUCÁRIA
Boutique Café
Casa Eliseu Voronkoff
Fisk Araucária
Panificadora El Grano
Porão Cavalo Baio
GUARAPUAVA
A Página Livraria A/C Leidiane
Gato Preto Discos e Livros
LONDRINA
Nosso Sebo
Olga A Livraria da Cidade
PATO BRANCO
Alexandria Livraria e Cafeteria
PINHAIS
Estação Curitiba Café
Livraria e Cafeteria Café com Letras
PONTA GROSSA
Cripto Cultural
Phono Pub
Sebo Espaço Cultural 1
Sebo Espaço Cultural 2
Verbo Livraria
SÃO JOSÉ DOS PINHAIS
Sebo da Visconde
COLOMBO
Livraria e Papelaria Colombo
CURITIBA
Agendarte Livros
Ah! Cafeteria
Arcádia Sebo & Café
Baba Salim
Ben Café
Biblioteca Pública do Paraná
Botanique Oásis

Paraná (cont.)

Café & Confeitaria Avenida
Café 217
Café Demoiselle Ana Rita
Café do Canto
Café do Espaço
Café do Mercado
Café do Van Gogh
café do Viajante
Café du Centre
Café e Livraria Solar do Rosário
Café Fazenda Rancho Floram
Café Lisboa
Café Miraphlores
Café Pangalatico
Café Per Tutti
Casa das Bolachas
Chelsea Burgers & Shakes
Coffeeterie
Colégio Medianeira a/c Liliane Grein
Dalat Café
Empório Kaveh Kanes
Fabrika Pães & Café
Faraoh Records
Fingen Café
Fubá Café
Fundação Cultural de Curitiba
COMUNICAÇÃO
Gerência Faróis do Saber
Giardino Café & Cappuccinaria
Go Coffee
Grân's Café
Inked Café
Itiban Comics Shop
Janaína Vegan Bar
Joaquim Livraria
La Belle Époque
Le Caffes Especiais
Livraria Arte & Letra
Livraria da Vila
Livraria Vertov
Lucca Cafés Especiais
Lupita Bistrô Bar
Mabu Hotel
Madí Cafeteria e Empório
Maitê Livros
Mamãe Urso Café

Paraná (cont.)

Manifesto Café
MediaLuna Café
MediaLuna Café
Novo Café do Teatro
Ópera Garden Café
Passeio Café e Arte
Provence Boulangerie
Rause Café + Vinho
Rituais Casa de Café
Sebino FATO Agenda
Sebo Kapricho Comendador
Sebo Kapricho Marechal
Sebo Kapricho Praça Osório
Sebo Releituras Centro
Sebo Releituras Portão
Sebo Santos
SESC Paço da Liberdade
Teatro Guaíra IMPRENSA
Telarilha Livraria e Café
Terra Café & Bistrô
Universidade Positivo Santos Andrade
Tijolo CWB
Utopia Tropical Chocolates

Rio Grande do Sul

BENTO GONÇALVES
Dom Quixote Livraria e Cafeteria
Paparazzi Livraria
CANELA
Empório Canela
CAXIAS DO SUL
Do Arco da Velha Livraria & Café
GRAMADO
Mania de Ler Bookstore
PORTO ALEGRE
CirKula Editora, Livraria e Café
Livraria Clareira
Macun Livraria e Café
Rede Beabah
Ventura Livros

Rio de Janeiro

CABO FRIO
Sebo do Lanati
DUQUE DE CAXIAS
Tecendo uma Rede de Leitura Associação
Pró-Melhoramento
NOVA FRIBURGO
Jenipapo Livraria
NOVA IGUAÇU
Baixada Literária - Biblioteca Comunitária
Judith Lacaz
PARATY
Livraria das Marés
Mar de Leitores
RIO DE JANEIRO
Biblioteca Marginow
Books Livraria
Capitu Café
Casa 11 Sebo e Livraria
Letra Viva Café e Histórias
Livraria Berinjela
Livraria e Edições Folha Seca
Pequeno Lab
TRÊS RIOS
Livraria Favorita
VOLTA REDONDA
Livraria Flamingo
Diadorim Livros e Idéias - Pontual Shopping

Santa Catarina

BALNEÁRIO CAMBORIÚ
Capsula Livraria
BLUMENAU
Rocinante Sebo
ÇAÇADOR
Livraria Selva Literária
CHAPECÓ
Humana Sebo & Livraria
CRICIÚMA
Sebo Alternativo
FLORIANÓPOLIS
O Barbeiro e O Poeta
Sebos Ivete
JOINVILLE
Casa 97
Salvador Vegan Café, Livros e Discos
LAGES
Livraria Sebo Marechal
PORTO UNIÃO
Porto Presentes Papelaria

Santa Catarina (cont.)

SÃO BENTO DO SUL
Dom Quixote Livros
TUBARÃO
Consulato Livraria

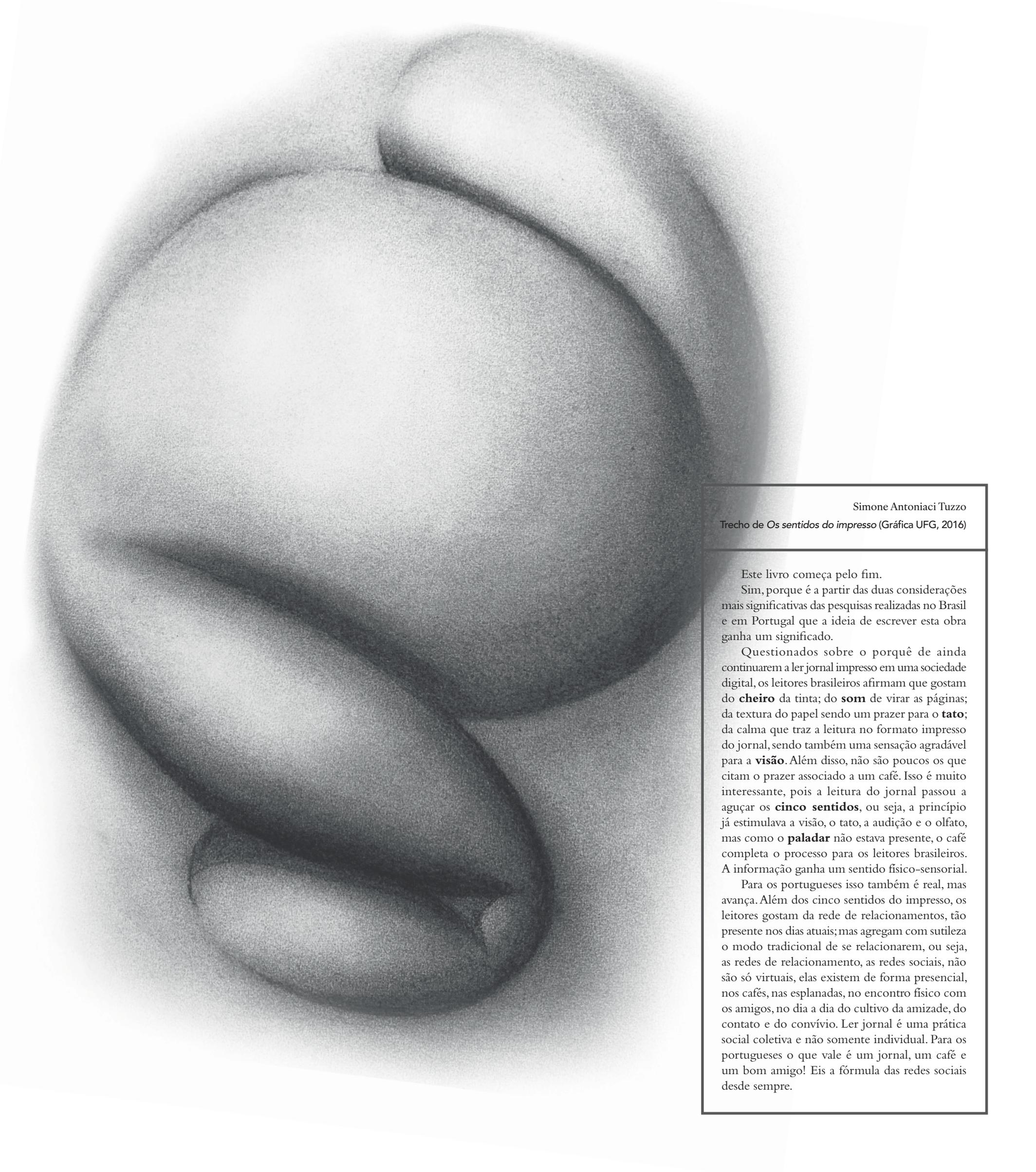
São Paulo

ARARAQUARA
Livraria Murad Sebo
CAMPOS DO JORDÃO
História sem Fim
CAMPINAS
Sebo Porão
Livraria Candeeiro
Sebo Contracultura
Iluminações Livraria
COTIA
Livraria 3x4
FRANCA
Almanaque Livraria e Sebo
ITATIBA
Livraria Toque de Letras
JUNDIAÍ
Livraria Leitura
MOGI-MIRIM
Banca do Sardinha
PIRACICABA
Sebo do Formiga
RIBEIRÃO PRETO
Livraria da Travessa Ribeirão
SANTOS
Realejo Livros
SANTO ANTÔNIO DO PINHAL
Livraria Mantiqueira
SÃO CARLOS
Livraria EDUFSCAR
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
Livraria Casa Nynho
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
Livraria e Papelaria Amo Ler Oriente
Livraria Planalto
SÃO PAULO
A Banca de Livros
Banca Tatuí
Bar Balcão
Bibla

Café no Jardim 53
Casa Brasilis
Circulo Livraria
Coffee Lab
Comix Book Shop
LiteraSampa - IBEAC
Livraria Bandolim
Livraria Cabeceira
Livraria Caraibas
Livraria da Tarde
Livraria do Espaço
Livraria Insulto
Livraria Na Nuvem
Livraria NoveSete
Livraria Sebo Tucambira
Livraria Sentimento do Mundo
Livraria Simples
Livraria UNESP A/C Maria
Livraria Zaccara
Museu do Livro Esquecido
N'alma Café
O Cão Engarrafado
Patuá Discos
Patuscada Livraria, Bar & Café
Sabá Discos
Sebino da Helô
Sebo Alternativa
Sebo Desculpe A Poeira
Sebo Pura Poesia
sobinfluência
UGRA PRESS
VINHEDO
Sebo Vinhedo

Achou?

Que tal se tornar um distribuidor do **Jornal Relevo** aí na sua cidade? Fale conosco:
contato@jornalrelevo.com



Simone Antoniaci Tuzzo

Trecho de *Os sentidos do impresso* (Gráfica UFG, 2016)

Este livro começa pelo fim.

Sim, porque é a partir das duas considerações mais significativas das pesquisas realizadas no Brasil e em Portugal que a ideia de escrever esta obra ganha um significado.

Questionados sobre o porquê de ainda continuarem a ler jornal impresso em uma sociedade digital, os leitores brasileiros afirmam que gostam do **cheiro** da tinta; do **som** de virar as páginas; da textura do papel sendo um prazer para o **tato**; da calma que traz a leitura no formato impresso do jornal, sendo também uma sensação agradável para a **visão**. Além disso, não são poucos os que citam o prazer associado a um café. Isso é muito interessante, pois a leitura do jornal passou a aguçar os **cinco sentidos**, ou seja, a princípio já estimulava a visão, o tato, a audição e o olfato, mas como o **paladar** não estava presente, o café completa o processo para os leitores brasileiros. A informação ganha um sentido físico-sensorial.

Para os portugueses isso também é real, mas avança. Além dos cinco sentidos do impresso, os leitores gostam da rede de relacionamentos, tão presente nos dias atuais; mas agregam com sutileza o modo tradicional de se relacionarem, ou seja, as redes de relacionamento, as redes sociais, não são só virtuais, elas existem de forma presencial, nos cafés, nas esplanadas, no encontro físico com os amigos, no dia a dia do cultivo da amizade, do contato e do convívio. Ler jornal é uma prática social coletiva e não somente individual. Para os portugueses o que vale é um jornal, um café e um bom amigo! Eis a fórmula das redes sociais desde sempre.